

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design - Campus de Bauru

ANTONIO VINÍCIUS SANTOS SILVA

A MIGRAÇÃO AM-FM NO JORNALISMO DA RÁDIO AURI VERDE:
os impactos na programação do rádio bauruense

Bauru
2025



ANTONIO VINÍCIUS SANTOS SILVA

**A MIGRAÇÃO DO AM-FM NO JORNALISMO DA RÁDIO AURI VERDE:
os impactos na programação do rádio bauruense**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru-SP, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Área de concentração: Radiojornalismo

Orientadora: Prof^a. Dra. Karina Woehl de Farias

Bauru
2025

S586m Silva, Antonio Vinícius Santos
A MIGRAÇÃO AM-FM NO JORNALISMO DA RÁDIO AURI
VERDE: os impactos na programação do rádio bauruense /
Antonio Vinícius Santos Silva. -- Bauru, 2025
58 p. : tabs.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Jornalismo) -
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de
Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru
Orientadora: Karina Woehl de Farias

1. Migração AM-FM. 2. Rádio Auri Verde. 3. Jornalismo. 4.
Programação. I. Título.

ANTONIO VINÍCIUS SANTOS SILVA

A MIGRAÇÃO AM-FM NO JORNALISMO DA RÁDIO AURI VERDE:

os impactos na programação do rádio bauruense

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru-SP, para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Área de Concentração: Radiojornalismo

Data da defesa: 26/06/2025

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Karina Woehl de Farias
UNESP - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design - Campus de Bauru-SP

Prof. Dr. José Carlos Marques
UNESP - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design

Prof. Dra. Kelly de Conti Rodrigues
UNESP - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os profissionais que trabalham no rádio, sejam eles locutores, repórteres, editores, programadores, técnicos de som, etc. É o esforço diário de cada um desses profissionais que compõem o organograma de uma emissora de rádio, grande ou pequena, que faz com que a população possa se manter bem informada em tempo real, com um veículo ágil, de fácil acesso e independente de conexão com a internet. Graças aos radialistas, há mais de um século que este meio de comunicação tradicional, inclusivo e abrangente informa, entretém e está à disposição do ouvinte a qualquer hora. Aos profissionais do rádio, muito obrigado.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço àqueles que estão comigo desde o início desta jornada, que sempre confiaram em mim, me apoiaram nos momentos mais difíceis e nunca me deixaram desistir do meu sonho: minha mãe, Catia dos Santos Silva, meu pai, Juarez Marco da Silva, e meus avós maternos, Maria Pastora dos Santos e José dos Santos.

Agradeço aos meus melhores amigos por fazerem com que me sentisse amado mesmo longe de casa, por tornarem meus dias mais leves e por todas as risadas e momentos felizes que vivi ao lado de cada um, em especial Aline Gasparini, Felipe Nunes, Guilherme Berto, Luan Brizola e Nathan Sampaio.

Agradeço aos radialistas que conheci e que me deram a oportunidade de realizar meu grande sonho profissional de trabalhar com jornalismo esportivo no rádio, em especial Alex Silva, Alexandre Pittoli, Júlio César Andrucioi, Luis Henrique Pereira e Luiz Lanzoni.

Agradeço a RUV Podcasts, projeto de extensão ao qual me dediquei durante a maior parte da graduação e pude viver a experiência de coordenar o núcleo de produção em esportes, um diferencial em minha vida pessoal e profissional. Obrigado a todos que passaram pelo projeto durante esse período, em especial às diretoras Mayana Sousa e Julia Hilsdorf, por me proporcionarem aprender e evoluir na melhor escola de rádio da Unesp.

Por fim, agradeço à minha professora orientadora, Dra. Karina Woehl de Farias, pela confiança, entusiasmo e paciência que teve comigo durante todo este processo. É gratificante ser orientado por alguém que, assim como eu, ama e valoriza a cultura do rádio no Brasil.

RESUMO

A Rádio Auri Verde, de Bauru, São Paulo, é uma das mais tradicionais e influentes estações radiodifusoras do centro-oeste paulista, responsável por levar opinião, informação, música e prestação de serviço aos ouvintes da região desde 1956. Com a publicação do Decreto nº 8.139 (2013), que autorizou a migração das rádios AM para o FM, a emissora iniciou o processo de mudança de *dial*, concluído em 2018. O presente trabalho busca explicar como se deram as etapas da migração AM-FM na Rádio Auri Verde, os impactos gerados na grade de programação da emissora, a influência da adesão a uma rede nacional de rádios, a Jovem Pan, e, principalmente, como o espaço jornalístico da emissora bauruense foi afetado por tais mudanças. Como resultado, podemos apontar que a Auri Verde ganhou uma perspectiva nacional após a migração, já que a possibilidade de transmissão multiplataforma, veiculação de conteúdo em redes sociais e abordagem de pautas políticas de interesse nacional na programação matinal fizeram a emissora extrapolar os limites geográficos do interior paulista no período pós-migração. Porém, como consequência, a programação voltada para o jornalismo local e prestação de serviço, ainda que exista, deixou de ser o foco da emissora e teve seu espaço reduzido na grade diária, sendo sustentada, principalmente, pelo programa *Bauru Agora* – veiculado de segunda à sexta, no período da tarde – e pelas transmissões esportivas dos jogos de futebol, basquete e vôlei que envolvem os times da cidade.

Palavras-chave: migração do AM-FM; Rádio Auri Verde; jornalismo; programação.

ABSTRACT

Rádio Auri Verde, from Bauru, is one of the most traditional and influential radio stations at the center west side of São Paulo State, responsible for bringing opinion, information, music and providing services to the listeners in the region since 1956. After the publication of the Decree No. 8,139 (2013), which allowed the migration of AM radio stations to FM, the broadcaster began the process of changing the dial, completed in 2018. The present work seeks to explain how the stages of the AM-FM migration took place at Rádio Auri Verde, the impacts caused on the station's programming schedule, the influence of joining a national radio network, Jovem Pan, and, mainly, how the journalistic space of the Bauru's station was affected by those changes. As the result, we can point out that Auri Verde gained a national perspective after the migration, since the possibility of multi platform transmission, broadcasting content on social media and addressing political issues of national interest in morning programming made the station go beyond the geographic limits in the post-migration period. However, as a consequence, the programming focused on local journalism and public service, although exists, is no longer the station's focus and has had this space reduced on the daily programming schedule, being supported, mainly, by the *Bauru Agora* program – broadcast from Monday to Friday, in the afternoon – and by the sports broadcasting of soccer, basketball and volleyball games involving the city's teams.

Key words: migration from AM to FM; Rádio Auri Verde; journalism; programming schedule.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Programação semanal da Auri Verde AM entre 2015 e 2017	30
Figura 2 – Programação da Auri Verde AM aos finais de semana entre 2015 e 2017	31
Figura 3 – Programação da Jovem Pan News Bauru FM entre 2017 e 2023	33
Figura 4 – Programação atual da Rádio Auri Verde FM	36
Figura 5 – Números de audiência da Auri Verde em novembro de 2024	38
Figura 6 – Audiência da Auri Verde entre as faixas etárias	39
Figura 7 – Países com maiores índices de audiência da Auri Verde pelo mundo	39

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AESP	Associação de Emissoras de Rádio e TV do Estado de São Paulo
AM	Amplitude Modulada
ANATEL	Agência Nacional de Telecomunicações
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CBN	Central Brasileira de Notícias
FM	Frequência Modulada
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
IPC	Índice de Preços ao Consumidor
JUCESP	Junta Comercial do Estado de São Paulo
kHz	Quilohertz
MEC	Ministério da Educação
MHz	Megahertz
PIB	Produto Interno Bruto
PL	Partido Liberal
PT	Partido dos Trabalhadores
STF	Supremo Tribunal Federal
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	12
2 - PRIMEIRAS TRANSMISSÕES EM SOLO BRASILEIRO.....	14
2.1 - EVOLUÇÃO DO RÁDIO NO BRASIL.....	15
3 - POLÍTICA PÚBLICA PARA MIGRAÇÃO.....	17
4 - O RÁDIO EM BAURU: DO SURGIMENTO À MIGRAÇÃO.....	19
4.1 - CONTRIBUIÇÃO DOS SIMONETTI PARA O RÁDIO BAURUENSE.....	21
4.2 - SURGE A RÁDIO AURI VERDE.....	22
4.3 - UM NOVO TEMPO NA AURI VERDE.....	24
5 - PRIMEIROS DESAFIOS DA AURI VERDE NO PROCESSO DE MIGRAÇÃO...27	
6 - MUDANÇAS NA PROGRAMAÇÃO: JORNALISMO GANHA ESPAÇO.....	29
6.1 - ADESÃO AO GRUPO JOVEM PAN E AO FORMATO ALL NEWS.....	32
7 - DE BAURU PARA O MUNDO.....	34
8 - CONSEQUÊNCIAS DA MIGRAÇÃO NA AURI VERDE.....	40
9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44
APÊNDICE A - ENTREVISTA COM ALEXANDRE PITTOLI.....	50

1 - INTRODUÇÃO

O rádio é um dos mais importantes meios de comunicação e informação do mundo desde seu surgimento no fim do século XIX. Com agilidade na propagação e transmissão de informações, prestação de serviço e proximidade com o ouvinte, o meio passa por transformações constantes e importantes, visando maior qualidade do produto radiofônico.

Na contemporaneidade, o rádio vem se transformando. Uma das mudanças significativas ocorreu em 7 de novembro de 2013, quando o Governo Federal publicou o Decreto nº 8.139 (Brasil, 2013), que autorizou as emissoras brasileiras a requererem ao Ministério das Comunicações a adaptação dos serviços de radiodifusão sonora de ondas médias para frequência modulada, prevendo a extinção da categoria AM de caráter local, ou seja, aquelas que operam em baixa potência. Até 1º de janeiro de 2024, todas as emissoras que quisessem se manter ativas deveriam solicitar a mudança de banda para FM ou ampliar a potência do sinal de transmissão para a categoria regional (Vieira, 2024).

Até maio de 2025, segundo o Ministério das Comunicações, 1.333 emissoras já concluíram o processo de migração para o FM. Nair Prata e Nélia Del Bianco (2020), no artigo *Inovação na tradição: a migração do AM para o FM como fator de renovação do rádio brasileiro*, apontam que a maioria das rádios optou pela migração por três fatores: baixa qualidade de som em comparação ao FM devido ao aumento do nível de ruídos na faixa AM, dificuldades técnicas de recepção em dispositivos móveis e, conseqüentemente, perda de audiência e investimentos na renovação das emissoras.

Dentre as emissoras que deixaram de operar em amplitude modulada e aderiram à frequência modulada está a Rádio Auri Verde, localizada na cidade de Bauru, interior de São Paulo. Fundada em 7 de setembro de 1956, a Auri Verde sempre contou com parte da programação focada na prestação de serviço e na abordagem de problemas infraestruturais do município (Rodrigues, 2013), além de programas musicais, de entretenimento e transmissões esportivas, propagando o conteúdo por meio do AM 760 kHz, permanecendo assim durante quase 60 anos.

Em 24 de março de 2014, a emissora solicitou a migração junto à Delegacia Regional das Comunicações em São Paulo (Jornal da Cidade, 2014). Durante o processo de mudança de *dial*, a tradicional Rádio Auri Verde filiou-se à Rede Jovem

Pan News e, em 9 de outubro de 2017, tornou-se Jovem Pan News Bauru, ainda operando em Ondas Médias. Segundo o portal Tudo Rádio (2017), a migração para o FM foi concluída em 1º de junho de 2018, quando a estação passou a transmitir como Jovem Pan News FM, em 97.5 MHz, com alcance regional, chegando aos aparelhos de quase todo o centro-oeste paulista. A adesão a uma rede de rádio tem sido uma constante no processo de troca do espectro pelo país afora.

A transição para o FM impulsionou a estação a expandir sua presença para outros canais de comunicação, como redes sociais – Facebook, Instagram e X –, YouTube e outras plataformas digitais, como o RadiosNet. Além disso, a programação passou por transformações, incluindo um número maior de programas voltados para o jornalismo, como demonstraremos *a posteriori*.

Após as eleições de 2022, nas quais a Auri Verde, assim como a Jovem Pan, endossou pautas de apoio a Jair Bolsonaro (Soprana; Passos; Wiziack, 2022) dando suporte à reeleição do então presidente da República, a relação começou a mudar. Segundo Pittoli (2024), a rede se rendeu a uma pressão pós-pleito e “acabou modificando a programação e a linha editorial”, enquanto a afiliada bauruense manteve o mesmo posicionamento, resultando no rompimento em setembro de 2023. Horas depois do corte de sinal, a emissora retornou ao ar com o nome e a marca da antiga Rádio Auri Verde, além de uma programação jornalística matinal com “ares de programação nacional” (Pittoli, 2024).

Diante do exposto, esta pesquisa tem como objetivo compreender quais foram as etapas da transição AM-FM na Rádio Auri Verde, os principais impactos causados na programação jornalística e no alcance da emissora, quais foram os benefícios — ou até prejuízos — trazidos pela troca de banda e o quanto isso afeta o dia a dia de trabalho na emissora. Além disso, vamos explicar como se deu a afiliação da estação ao grupo Jovem Pan, os reflexos disso para a emissora bauruense e as mudanças no trabalho de jornalistas da rádio que acompanharam este processo desde o início.

Para isso, faremos uma revisão bibliográfica em duas obras literárias: *Alô, Alô, ouvintes: no ar, o rádio em Bauru*, de João Francisco Tidei Lima (2013), para compreender o cenário histórico do mercado radiofônico na cidade de Bauru – e a história da própria Auri Verde – e *Migração do Rádio AM para o FM - Avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica*, de Nair Prata e Nélia Del Bianco (2021), para compreender os motivos que levaram emissoras à reivindicarem

uma política pública para viabilizar a mudança de banda e como a mesma foi elaborada pelos órgãos públicos competentes.

Para explorar de forma detalhada as etapas da migração e explicar os impactos gerados na grade de programação, serão analisadas obras acadêmicas de autores como Lopez (2012), Rodrigues (2013), Farias (2024), que têm a modernização do rádio como objeto central de estudo. Além disso, será entrevistado o atual diretor de produção da Rádio Auri Verde, Alexandre Pittoli, que esteve à frente do desenvolvimento do projeto de troca de banda na empresa, para entender como foi feito o processo de mudança na emissora bauruense.

Este é um estudo exploratório, de abordagem qualitativa, que vai demonstrar através da pesquisa em materiais históricos, análise de dados de audiência da emissora bauruense em plataformas digitais e compreensão da migração como fenômeno nacional, de que maneira o jornalismo local e a prestação de serviço tiveram espaço reduzido na programação para dar lugar ao jornalismo nacional e debates sobre temas de interesse político.

2 - PRIMEIRAS TRANSMISSÕES EM SOLO BRASILEIRO

No dia 7 de setembro de 1922, durante o discurso do então presidente da República, Epitácio Pessoa, o povo brasileiro ouviu, pela primeira vez, uma transmissão feita por meio das ondas de radiofrequência, graças à instalação de aparelhos receptores dessas ondas espalhados pelo Rio de Janeiro e também em São Paulo (Brasil, 2022). Aquela foi considerada a primeira transmissão oficial, mas vale registrar que acolhemos, como marco histórico de seu advento no país, as primeiras irradiações da Rádio Clube de Pernambuco, em 1919, ainda como serviço de radioamador.

No ano seguinte ao discurso presidencial, em 1923, foi fundada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, considerada a primeira oficial do país (Matsuki, 2021), por Edgard Roquette-Pinto, considerado o “pai da radiodifusão no Brasil” (Brasil, 2021). Sob o prefixo PRA-5 e sediada na capital federal do país à época, a emissora anos depois dedicou-se à produção de conteúdo educativo, perfil que mantém até os dias atuais como Rádio MEC.

O advento do rádio começou a ganhar força e presença constante no país durante o período da chamada República Velha (1889-1930), quando oligarquias

rurais governavam o Brasil. Getúlio Vargas assumiu a presidência da República após a Revolução de 1930 e buscou conquistar o apoio das massas, utilizando o rádio como grande aliado. Em 1932, sancionou a lei que permitia veiculação de propaganda pelas emissoras, fazendo com que empresas começassem a investir no meio, tornando os aparelhos de rádio mais acessíveis à classe trabalhadora (Brasil, 2022).

O populismo, de acordo com Lima (2013, p. 18), “era uma forma de incorporar as massas ao processo político, antes restrito a uma parcela muito pequena da população”. Para isso, era necessário se aproximar das pessoas para conquistar apoio. Neste sentido, os jornais impressos e, principalmente, o rádio, tiveram um papel fundamental na disseminação da propaganda política. Não demorou para que cada vez mais cidades brasileiras passassem a ter suas próprias emissoras de rádio, tanto nas capitais quanto no interior dos estados. Em São Paulo, a era da radiodifusão teve início no final de 1923, com a Sociedade Rádio Educadora Paulista (Tudo Rádio, 2024), a primeira a irradiar conteúdo pelas ondas sonoras em fevereiro de 1924, com uma programação musical focada na transmissão de óperas, além de boletins meteorológicos (Adami, 2023, p. 5).

2.1 - EVOLUÇÃO DO RÁDIO NO BRASIL

A humanidade evoluiu ao longo dos anos, assim como as tecnologias que passaram a fazer parte do cotidiano. Não foi diferente com o rádio, que, mesmo com o surgimento da televisão e da internet, continua sendo um dos veículos de informação mais consumidos pelas pessoas. De acordo com a pesquisa Inside Audio de 2024, realizada pela Kantar Ibope Media, dados do Target Group Index apontam que 91% dos brasileiros consomem conteúdo em formato de áudio diariamente.

Ainda de acordo com informações coletadas pelo instituto, a porcentagem de pessoas no país que consome especificamente o rádio como produto de áudio no cotidiano chega a 79%, sendo que os ouvintes brasileiros dedicam uma média de quase quatro horas diárias ouvindo o veículo.

Estes dados evidenciam como o rádio segue sendo um dos meios de comunicação e informação mais importantes do país e está em constante evolução, seja pela necessidade de se manter forte no mercado, seja pela busca por um

melhor produto sonoro e multiplataforma a ser oferecido ao público. A própria chegada do meio ao Brasil, durante a década de 1920, e sua posterior implementação na rotina das pessoas já foram acontecimentos revolucionários pelo simples fato de tornarem a informação, o entretenimento, a música e o esporte mais acessíveis às comunidades, incluindo pessoas que não sabiam ler, em uma época na qual o jornal impresso era soberano.

Com a evolução dos meios de comunicação e a chegada de novas possibilidades, como a televisão no início da década de 1950, tornou-se comum o discurso de que o rádio estava com os dias contados. Entretanto, foi justamente nesse momento que o veículo se reinventou e se aproximou ainda mais do ouvinte. Segundo Farias e Zuculoto (2017, p. 141), “a programação radiofônica, até então repleta de artistas e músicos, passou a dar mais espaço ao jornalismo e à prestação de serviço”.

Desde as primeiras transmissões em ondas, esse importante veículo de comunicação propagava informações, músicas e prestava serviços por meio das ondas médias da frequência AM, ou seja, de amplitude modulada. Isso significa que os transmissores operavam com maior potência para alcançar distâncias mais longas, o que exigia um grande investimento em energia, espaço e aparato tecnológico.

Se uma emissora precisa transmitir 100 kWh (quilowatt-hora), o transmissor precisa ter uma capacidade quatro vezes maior (de 400 kWh), o que encarece em demasia a conta de luz. O custo mensal com energia elétrica de um transmissor AM apenas varia, em média, entre 50 mil e 60 mil reais (Faddul, 2023).

Segundo Lopez *et al.* (2019, p. 61), o AM teve um papel fundamental na disseminação de costumes, ideais políticos e democráticos, além de contribuir para a construção cultural e a integração nacional, graças ao alcance do sinal e à sua penetração nas cidades, especialmente no interior, como em Bauru, por exemplo. No entanto, o AM entrou em declínio nas últimas décadas, principalmente devido ao crescimento urbano. Prata e Del Bianco (2021, p. 25), explicam que o fenômeno foi aumentando progressivamente o nível de ruídos, interferências e poluição na faixa de ondas médias.

Com alcance mais curto, baixo custo de manutenção e menor suscetibilidade à interferência de sinal, o FM surgiu no Brasil em 1955, por meio da Rádio Imprensa

– atual Mix FM Rio – e, inicialmente, tinha como objetivo oferecer música ambiente (Prado, 2012, *apud* Farias; Zuculoto, 2017, p. 142). Décadas depois, em 1970, a tecnologia do FM chegou a São Paulo com a Rádio Difusora FM (Siqueira; Amorim, 2025). Sem concorrência no *dial*, a emissora operava em 98.5 MHz, tocando músicas “selecionadas para pessoas ricas e inteligentes” (Estado de S. Paulo, 1970).

De acordo com Farias e Zuculoto (2017, p. 142), a predominância da programação musical fez com que o FM se aproximasse do público jovem, fator que também impactou o AM, levando-o a fortalecer o conteúdo jornalístico em sua grade. No entanto, com o passar dos anos, a queda na qualidade do antigo *dial* e a superioridade do áudio transmitido pela frequência modulada fizeram com que o interesse pelo AM diminuísse.

“No período de 2004-2014, mais de 1.300 outorgas foram distribuídas nas faixas de frequência modulada e apenas 80 foram entregues a radiodifusores interessados em transmitir em AM local” (Prata; Del Bianco, 2021, p. 28). Assim, o rádio, mais uma vez, teve que se reinventar para continuar sendo uma potência no mercado da comunicação.

3 - POLÍTICA PÚBLICA PARA MIGRAÇÃO

Buscando solucionar os problemas enfrentados pelas rádios AM, empresários detentores de emissoras, sindicatos e associações que cuidam do cenário radiofônico brasileiro começaram a se movimentar através de estudos e testes para saber a viabilidade da migração de *dial*. Um destes estudos foi determinante para possibilitar a criação da política pública.

“[...] a Agência Nacional de Telecomunicações publicou, em maio de 2010, um estudo de viabilidade técnica da migração do rádio AM para o FM, usando os canais 5 e 6 de televisão a serem liberados com a migração para a TV digital. Trata-se do FM estendido (eFM) entre a faixa de 76 a 88 MHz [...]”. (Prata; Del Bianco, 2021, p.29)

Em paralelo à discussão sobre a extensão da faixa FM, também se debatia, no país, a viabilidade do rádio digital, que depende de dispositivos móveis, como celulares e computadores com acesso à internet, fator que poderia prejudicar ainda mais o meio. Segundo Prata e Del Bianco (2021, p. 29-30), o consenso entre os

radiodifusores era de que a migração seria o primeiro passo para a digitalização da transmissão.

No dia 7 de novembro de 2013, Dia do Radialista, a presidenta Dilma Rousseff assinou o Decreto nº 8.139, que “dispõe sobre as condições para extinção do serviço de radiodifusão sonora em ondas médias de caráter local, sobre a adaptação das outorgas vigentes para execução deste serviço e dá outras providências” (Brasil, 2013).

Com a assinatura do decreto, as rádios AM de alcance local tiveram de mudar o dial para FM ou migrar para outras categorias do AM – regional ou nacional – para não serem extintas. Os requerimentos começaram a ser feitos a partir de 1º de janeiro de 2014.

Após mais de uma década da publicação do decreto que representa um marco na história do rádio brasileiro, a migração ainda não foi totalmente concluída. A AESP afirma que, de um total de 1.780 emissoras AM no Brasil, 96% optaram pela migração (Vieira, 2024).

No entanto, de acordo com Siqueira e Amorim (2025), o processo, que deveria ter sido encerrado em dezembro de 2023, ainda conta com cerca de 230 emissoras AM aguardando a mudança de banda em território nacional. “Até o final de 2024, das 1.685 AMs que estavam ativas no Brasil em 2016, 1.289 tiveram sua migração concluída, segundo o Ministério das Comunicações do Governo Federal” (Brasil, 2024).

Além da não conclusão da migração em todo o território nacional, destaca-se o impacto desse processo na grade de programação de parte das emissoras, especialmente no que se refere ao jornalismo. Enquanto algumas rádios optaram pela adesão a uma rede nacional de conteúdo *all-news*, ou seja, 100% jornalístico, outras ampliaram o espaço destinado ao entretenimento.

Ao mesmo tempo em que a migração era vista como uma solução para o mercado, ela também gerou uma série de desafios para as emissoras brasileiras. Prata e Del Bianco (2021) explicam que a mudança de dial motivou a atualização dos profissionais do rádio em relação às novas tecnologias e a adequação da programação para tornar o produto radiofônico oferecido mais competitivo e atrativo, tanto para o ouvinte quanto para os anunciantes.

Outro importante objetivo das rádios com as modernizações e a dinamização da programação é o de alcançar um novo público sem perder a audiência oriunda do

AM, tarefa que exige planejamento, estratégias de marketing eficientes e adaptação às novas plataformas digitais. Além disso, migrar exige investimento financeiro em equipamentos técnicos e inovação constante, possibilitando uma produção de conteúdo com boa qualidade sonora.

Assim como algumas estações que optaram pelo foco na música, emissoras que aderiram a uma grande rede de rádios com grade predominantemente noticiosa acabaram reduzindo o espaço destinado à informação local (Farias, 2024). De acordo com Lopez et al. (2019, p. 65), a fim de evitar a perda da audiência fiel devido a esse fenômeno, 40% das emissoras que migraram até 2019 mantiveram parte da programação proveniente do AM.

Com a migração, também houve aumento do número de emissoras que expandiram seu campo de atuação para além das ondas radiofônicas. Segundo Prata e Del Bianco (2021, p. 47), mesmo entre as estações que ainda não operam em FM, mais de 90% das rádios possuem ao menos um site próprio na internet, enquanto mais de 70% contam com um aplicativo para acessar os conteúdos via celular.

Além disso, a presença de um perfil oficial da emissora em redes sociais como Instagram, X e Facebook, a extensão do conteúdo transmitido para um canal no YouTube e uma conta no WhatsApp para um contato mais próximo com o ouvinte são práticas que possibilitam ao profissional conquistar novos públicos e expandir suas áreas de atuação. “O rádio deixa de ser um monomídia, que só contava com o som, para ser, de agora em diante, multimídia, um universo de síntese” (Martínez-Costa, 2001, p. 60).

4 - O RÁDIO EM BAURU: DO SURGIMENTO À MIGRAÇÃO

Durante a década de 1930, quando o rádio se tornava cada vez mais popular pelo país, o interior do estado de São Paulo começava a se destacar no cenário radiofônico, desempenhando um papel importante na construção de uma identidade local, na promoção e divulgação das peculiaridades regionais (Farias, 2023, p. 108).

Em 1924 era instalada a primeira estação de rádio do interior do Brasil, a PRA-7, Rádio Clube de Ribeirão Preto; em 1925 começava a funcionar a PRB-5, Rádio Clube Hertz, de Franca; em 1926, a PRA-9, Sociedade Rádio Mayrink Veiga; em 1927, a PRB-6, Sociedade Rádio Cruzeiro Rádio

Cruzeiro do Sul de São Paulo; em 1928, a PRB-8, Sociedade Rádio Rio Preto e a PRB-9, Rádio Sociedade Record de São Paulo (Tavares, 1997, p. 47 s, *apud* Lima, 2013, p.19).

No município de Bauru, localizado na região centro-oeste do estado de São Paulo, o rádio chegou em 1934. Segundo Lima (2013, p. 21), o precursor desse veículo de comunicação em solo bauruense foi o imigrante italiano João Simonetti, que, no dia 8 de março daquele ano, ainda em caráter experimental, instalou em sua própria residência, na Rua Agenor Meira, 3 - 49, a Bauru Rádio Clube. A emissora recebeu a licença para funcionamento em 26 de abril do ano seguinte, com o prefixo PRG-8.

A respeito dos primeiros anos do rádio em Bauru, a programação era dividida em um turno matutino (das 9h às 13h) e outro vespertino (das 15h às 22h), caracterizando-se pelo conteúdo artístico, com transmissão de músicas e até humorísticos (CALDEIRA, 1982, *apud* Rodrigues, 2013, p. 7).

O pioneirismo da PRG-8 também se destaca no âmbito jornalístico. Criado pelos radialistas Luciano Dias Pires e Nelson Reginato, o *Grande Jornal Falado G-8* passou a integrar a grade de programação da emissora em 1954, indo ao ar de segunda a sábado, das 22h às 23h.

Primeiro programa do gênero no rádio bauruense, estava dividido em três segmentos: *Carrossel de Notícias*, veiculando informes de política e economia do país, *Painel Internacional*, com leitura de telegramas das agências Reuters e France Press e, *Entrevistas Locais*, franqueando o microfone aos políticos e outras autoridades do município [...] (Nascimento, 2005).

A partir da década de 1950, novas emissoras começaram a surgir na cidade, consolidando Bauru no contexto radiofônico de grande importância para a região e para o interior paulista. Em 1956, a Rede Piratininga trouxe para Bauru a Rádio Auri Verde que, em apenas três meses de funcionamento, superou a Bauru Rádio Clube em audiência (Rodrigues *et al.*, 2013, p. 8). Um dos fatores determinantes para esse feito, segundo Caldeira (1982), foi a transmissão dos Jogos Abertos do Interior daquele ano, realizados em Bauru.

Alguns anos mais tarde, em 1978, surgiu outra emissora de grande relevância, que permanece em atividade até os dias de hoje. Idealizada por Tobias Ferreira e montada a partir da estrutura da Auri Verde no Dia das Comunicações (5

de maio), a Rádio Comunicação FM foi a primeira da cidade a operar em frequência modulada, na sintonia 94.5 MHz. Atualmente, é conhecida como 94 FM e pertence à família Simonetti.

A partir da década de 1980, outras emissoras FM passaram a integrar o cenário radiofônico bauruense. Em 1983, o ex-prefeito de Bauru e então deputado federal Alcides Franciscatto fundou a Rádio Cidade, hoje 96 FM. Em 1991, foi a vez da Rádio Universitária Unesp, ou simplesmente Rádio Unesp FM, entrar no ar. Em 2001, surgiu a Rádio Veritas – vinculada à Universidade do Sagrado Coração –, que encerrou suas atividades em 2012 a pedido da Anatel, sob a alegação de operar com concessão irregular (Tudo Rádio, 2012).

4.1 - CONTRIBUIÇÃO DOS SIMONETTI PARA O RÁDIO BAURUENSE

Simonetti é uma figura fundamental para o desenvolvimento dos veículos de comunicação em Bauru. Nascido na Itália em 1886, estabeleceu-se na cidade de Dois Córregos como fabricante de móveis (Lima, 2013, p. 21). Iniciou sua trajetória na comunicação na década de 1930, com um serviço conjugado de alto-falantes para a veiculação de anúncios comerciais.

Por volta de 1933, atento aos avanços da comunicação sonora e à evolução do rádio como fator de interação entre os diferentes níveis da realidade social, Simonetti trouxe a Bauru, diretores da Rádio Cruzeiro do Sul de São Paulo, para se inteirar dos custos e dos procedimentos técnicos e jurídicos relativos à instalação de uma emissora (Lima, 2013, p. 22).

Em 1934, após reunir-se com um grupo de interessados na instalação de uma rádio na cidade, João Simonetti fundou, em 8 de março, a Bauru Rádio Clube, a primeira emissora do centro-oeste paulista. Com o passar dos anos e investimentos constantes na modernização da estrutura, Simonetti fez da PRG-8 a maior e mais influente emissora da região e uma das mais prestigiadas do interior de São Paulo.

Amigo pessoal do então presidente da República, Getúlio Vargas, foi o primeiro a obter concessão para operar em FM no estado de São Paulo, em 1949. Segundo Lima (2013, p. 53), “só não vingou porque, simplesmente, não havia aparelhos receptores na cidade para captar as rádios FM, algo até então desconhecido”. Também foi graças a João Simonetti que, em 1959, o Governo Federal concedeu um canal de televisão ao município, em nome da Bauru Rádio

Clube, sendo o primeiro de uma cidade interiorana da América Latina (Rodrigues *et al.*, 2013): a TV Bauru Canal 2, inaugurada oficialmente em 1º de agosto de 1960.

Em 1967, João Simonetti adquiriu a Rádio Auri Verde e, sob seu comando, a emissora passou a se chamar *Jovem Auri Verde*, nome que, segundo Lima (2013), tinha como objetivo refletir a atmosfera da década, também marcada pelo movimento da Jovem Guarda na arte brasileira. Atualmente, a família Simonetti possui a 94 FM.

João Simonetti faleceu em 8 de outubro de 1968, aos 82 anos, deixando um grande legado de pioneirismo na comunicação bauruense, tanto no rádio quanto na televisão. No mesmo ano, a PRG-8 foi vendida ao Grupo Bandeirantes e passou a integrar a rede de João Saad.

Em 2018, após o processo de migração do AM para o FM, a emissora bauruense tornou-se afiliada da rede liderada pela Nativa FM (Tudo Rádio, 2018), que também pertence ao Grupo Bandeirantes. Atualmente, opera em 91.5 MHz e conta com uma programação musical em tempo integral.

4.2 - SURGE A RÁDIO AURI VERDE

Durante muito tempo, a PRG-8 foi a única estação de rádio de Bauru, fator que contribuiu para o pioneirismo em inovações tecnológicas, no fortalecimento da grade de programação local e na popularização da emissora. No entanto, na década de 1950, empresários do setor começaram a se atentar para o potencial da cidade na implantação de novas rádios na região.

O cenário de concorrência começou a mudar em 7 de setembro de 1956 – quando a Rede Piratininga inaugurou oficialmente, na quadra 7 da Rua 1º de Agosto, ao lado do Cine Bauru, a Rádio Auri Verde.

Desde janeiro os técnicos da rede estudavam a localização dos transmissores de 250 watts, finalmente decidida pelo Jardim Araruna. [...] No mês de agosto, a Auri Verde fazia transmissão em caráter experimental. Finalmente, no dia 7 de setembro, oficialmente entrava no ar, com o prefixo ZYR-202 e na frequência de 1.480 kilociclos, abençoada pelo vigário forâneo de Bauru, o padre Pedro Paulo Koop (Lima, 2013, p. 96).

No início, contando com uma equipe de 15 funcionários (Caldeira, 1982, *apud* Rodrigues *et al.*, 2013, p. 9), a gerência provisória da Auri Verde estava a cargo de

Fuad Mimessi, que, dois meses depois, passou o comando para Tobias Ferreira, outro nome importante para a comunicação bauruense. Segundo Lima (2013, p. 99), foi a partir dele que o rádio em Bauru começou a se profissionalizar.

Em novembro daquele ano, buscando “garantir a melhor qualidade de funcionamento” (Lima, 2013, p. 100), a Rede Piratininga deslocou para sua mais nova emissora em Bauru dois dos melhores radialistas de seu quadro: o operador de som Nelson Machado e o locutor comercial Marino Frabetti.

No fim de 1956, a Auri Verde iniciou uma de suas mais tradicionais e longevas campanhas de fim de ano: o “Natal das Crianças Pobres”. Naquela ocasião, cerca de cinco mil brinquedos foram distribuídos a crianças de famílias vulneráveis da cidade, ação fundamental para a interação e identificação com o público local (Caldeira, 1982, p. 30).

Com a programação focada na prestação de serviços, no entretenimento e nas transmissões esportivas (Ferraz, 2005, p. 12), a Auri Verde tinha como grande desafio se consolidar no mercado radiofônico de Bauru e se aproximar cada vez mais do público ouvinte. Alexandre Pittoli (2024), atual diretor de programação da rádio, explica a razão pela qual a emissora enfrentou dificuldades em seus primeiros anos:

Bauru tinha uma rádio, fundada em 1937, que era a Rádio PRG8 (Bauru Rádio Clube), que hoje – após o processo de migração – é a Rádio Nativa FM 91.5, mas que naquele momento era uma emissora muito tradicional da família Simonetti, fundada por João Simonetti. Essa rádio fez com que a Auri Verde tivesse muita dificuldade para prosperar no início de sua jornada. Só que, em 1967, houve uma troca de comando na Auri Verde e a família Simonetti veio comandar ao lado de Tobias Ferreira (Pittoli, 2024).

A mudança de comando da emissora, mencionada por Pittoli, está diretamente relacionada às mudanças e censuras impostas aos veículos de comunicação na Ditadura Militar (1964-1985). De acordo com Lima (2013, p. 188), a Rede Piratininga, pertencente à família Leuzzi, estava “diante da sentença de morte” e, entre as emissoras que integravam a rede, encontrava-se a Auri Verde.

No fim de abril de 1967, a PRG-8 foi vendida ao empresário Roberto de Almeida Cintra e ao médico Arnaldo Prado Curvello (Lima, 2013, p. 200). Paralelamente, a Auri Verde foi adquirida pela família Simonetti e por Tobias Ferreira, que levaram boa parte da equipe da Bauru Rádio Clube. Com isso, relembra Pittoli (2024), “a emissora passa a usar o nome fantasia *Jovem Auri Verde*

e vive um ciclo muito próspero, com uma audiência superlativa, que superava os 85% nas pesquisas de audiência da época, uma coisa incrível”.

No final da década de 60 surgem outros nomes importantes da radiodifusão sonora bauruense, como João Simonetti Neto (programação jornalística policial), Walter Neto (programação sertaneja), João Carlos de Almeida conhecido como João Bidu (astrologia), João Costa (entretenimento), Paulo Sérgio Simonetti e Galvão Moura (esportes), Maria Dalva Hatore e Sylvio Carlos Simonetti (jornalismo) etc (Poli, 2005, p. 48-49).

Com o aumento da audiência da *Jovem Auri Verde* e o acirramento da concorrência local, as emissoras passaram a investir cada vez mais em melhorias tecnológicas e estruturais. Apesar da censura imposta pelo regime militar, as estações da cidade apostavam em programas de jornalismo local como parte fundamental de sua grade de programação.

A programação da Rádio Auri-Verde tinha um forte apelo comunitário. Além de músicas e entretenimento, a programação contava com a prestação de serviços do departamento de jornalismo. As transmissões esportivas também eram o carro-chefe da Auri-Verde (Ferraz, 2005, p. 12).

Segundo Pittoli (2024), a família Simonetti administrou a emissora até 1990, “quando, devido a um problema de dívida junto à Comissão de Agências de Publicidade, a família Simonetti perdeu a Auri Verde para um grupo de representantes chamado Afonso Viana”. Com isso, os Simonetti permaneceram apenas com a 94 FM, que surgiu a partir da Auri Verde (Rodrigues *et al.*, 2013).

Atualmente, a rádio é administrada pela família Daré, que assumiu o controle da emissora em 1998. “Foi vendida para um senhor chamado Airton Daré, falecido em 2011, e, de lá para cá, 71% da rádio ainda está em espólio, enquanto os demais sócios, Airton de Conti Daré, Giovana Daré e Paola Daré, são filhos de Airton Daré” (Pittoli, 2024).

4.3 - UM NOVO TEMPO NA AURI VERDE

Durante o período em que operou na frequência AM 760 kHz, a Auri Verde contou com alguns dos programas mais tradicionais do rádio bauruense, sempre com foco no entretenimento, na música e na prestação de serviços, além de dedicar parte de sua programação ao esporte local.

O programa *Super Manhã Colorida*, por exemplo, esteve no ar por mais de 30 anos sob o comando do locutor João Costa (Rodrigues et al., 2013, p. 10-11). Já o *Bauru Agora*, no ar até os dias atuais sob a apresentação de Leonardo de Souza, é um dos principais programas de informação local e prestação de serviços da emissora.

Com a entrada em vigor do Decreto nº 8.139 (Brasil, 2013), a emissora iniciou sua movimentação para se adequar à nova realidade do rádio brasileiro. Em 2014, durante o “Encontro de Esclarecimentos e Informações Gerais da Migração do AM para o FM”, promovido pela Associação das Emissoras de Rádio e Televisão do Estado de São Paulo (Jornal da Cidade, 2014), foi protocolado, junto à Delegacia Regional do Ministério das Comunicações em São Paulo, o pedido de migração para o FM.

Pouco depois de dar o primeiro passo para a migração ao novo *dial*, Alexandre Pittoli, atual diretor de programação da emissora, ingressou na Auri Verde como apresentador, administrador e diretor artístico, justamente para, segundo ele, “preparar a rádio para a chegada do FM” (2024).

Quando a Auri Verde fez a adesão, eu ainda não estava na rádio, mas já sabia, pois fui contratado para isso, preparar a rádio para a chegada no FM. Mas houve um atraso gigantesco porque havia a promessa de estreia no FM em março de 2015, entretanto só aconteceu em junho de 2018, ou seja, um atraso de 39 meses para a migração acontecer. Os atrasos foram todos de responsabilidade da Anatel, pois a Auri Verde cumpriu com todas etapas do projeto (Pittoli, 2024).

Durante o processo de troca de banda, ocorreu uma mudança radical na programação com o fechamento de uma parceria com o Grupo Jovem Pan, tornando-se uma afiliada da rede paulistana e passando a adotar um perfil totalmente jornalístico e informativo (Jornal da Cidade, 2017). Segundo Pittoli (2024), a escolha pela marca ocorreu devido a um alinhamento ideológico entre as emissoras, à maior liberdade editorial e ao espaço para a produção de conteúdo local.

Lopez *et al.* (2019, p. 65) explicam que quase 20% das emissoras que migraram do AM para o FM aderiram a uma rede nacional de rádios. Além disso, ressaltam que a manutenção de parte da programação do AM é fundamental para evitar a perda da audiência, ao mesmo tempo em que são feitas mudanças na programação jornalística local visando conquistar novos ouvintes.

Em 9 de outubro de 2017, a Rádio Auri Verde passou a se chamar Jovem Pan News Bauru. Apenas oito meses depois, em 1º de junho de 2018, a emissora estreou no FM, operando em 97.5 MHz, na classe A4 de operação, abrangendo também outros municípios como Duartina, Jaú, Agudos e Lençóis Paulista (Tudo Rádio, 2018).

Enquanto afiliada do Grupo Jovem Pan, a Auri Verde viveu um período de grande prosperidade e expansão, tanto em audiência quanto em estrutura. Além do FM, a emissora – assim como todo o universo da comunicação – passou por um processo de convergência tecnológica (Lopez, 2012, p. 17) e ampliou sua atuação para as redes sociais e, principalmente, para o YouTube, com transmissões multiplataforma. Esse movimento fez com que a Jovem Pan News Bauru se tornasse a primeira afiliada da rede a ultrapassar a marca de 100 mil inscritos (Tudo Rádio, 2022), apenas quatro anos após a adesão.

Apesar do sucesso da parceria e do crescimento contínuo, em 23 de setembro de 2023, por volta das 20h (Tudo Rádio, 2024) a união entre a Auri Verde e a Jovem Pan chegou oficialmente ao fim. Pittoli (2024) explica que o principal motivo foi um “descolamento ideológico” entre a emissora e a rede após as eleições presidenciais de 2022, vencidas por Luiz Inácio Lula da Silva (PT), atual presidente da República.

A Jovem Pan fez uma opção de não se alinhar ao atual Governo. Na verdade, ela se rendeu a uma pressão bastante grande que sofreu após 2022, na campanha presidencial daquele ano, nitidamente apoiando um candidato de direita, que era o então presidente Jair Bolsonaro (PL). Diante daquela decisão, o Ministério Público Federal, por meio de dois Procuradores da República, moveu uma ação contra a Jovem Pan, pedindo a cassação da outorga de uma emissora de rádio com mais de 80 anos de história, alguns absurdos que acompanhamos pós-pleito de 2022 (Pittoli, 2024).¹

O radialista acrescenta que essa pressão resultou na demissão de profissionais por parte da Rede Jovem Pan que “eram vitais para o sucesso do projeto e isso prejudicou todos os afiliados, não só Bauru” (Pittoli, 2024). A decisão do apresentador e diretor de programação foi manter a mesma linha editorial do período eleitoral “em função do compromisso que tinha com a audiência” (Pittoli,

¹ Após as eleições de 2022, o Ministério Público Federal (MPF) ajuizou uma ação civil pública pedindo a cassação das concessões públicas da Jovem Pan, acusando a emissora de propagar desinformação sobre o processo eleitoral brasileiro durante o pleito e incentivar os ataques ocorridos no dia 8 de janeiro de 2023, à sede dos Três Poderes, em Brasília - DF.

2024), mesmo sob ameaças de expulsão do Grupo Jovem Pan e de prisão pelo Supremo Tribunal Federal (Pittoli, 2024). Assim, 12 horas após o corte do sinal da rede, às 8h do dia 24 de setembro de 2023, a rádio voltou ao ar, reutilizando o nome e as marcas da tradicional Rádio Auri Verde de Bauru (Tudo Rádio, 2023).

5 - PRIMEIROS DESAFIOS DA AURI VERDE NO PROCESSO DE MIGRAÇÃO

O processo de migração do AM para o FM é um fenômeno que impactou todo o sistema de rádio do país e trouxe às emissoras uma série de desafios, tanto para as que optaram pela migração quanto para as que não aderiram à mudança. Prata e Del Bianco (2021) explicam que os valores para a migração foram definidos levando em conta o PIB (Produto Interno Bruto), o IPC (Índice de Preços ao Consumidor), a renda *per capita* e outros indicadores econômicos de cada município. No entanto, até setembro de 2015, das mais de mil emissoras que solicitaram a migração, apenas 39 atendiam aos requisitos para habilitação como regularidade fiscal (Prata; Del Bianco, 2021).

A Auri Verde é uma das emissoras migrantes que passou por dificuldades financeiras durante a troca de banda. Segundo Pittoli (2024), o faturamento anual era baixo no fim do período AM, de aproximadamente R\$ 600 mil, sendo que todo o processo de compra de novos equipamentos e adequação para transmissão em FM custou aproximadamente R\$ 1,5 milhão (Pittoli, 2024). A situação exigiu criatividade para encontrar soluções viáveis para a modernização.

Uma das primeiras grandes mudanças foi a redução drástica na quantidade de funcionários, tanto no setor responsável pela parte técnica e administrativa quanto de produção. Segundo Pittoli (2024), naquele momento, a emissora contava com 33 colaboradores, algo que era inviável financeiramente. No dia 15 de setembro de 2017, 24 funcionários foram demitidos (Pittoli, 2024). Farias (2024) aponta que o enxugamento de equipes tem ocorrido durante o processo de migração, visto que a mudança também avalizou o discurso de rejuvenescimento de marca.

A demissão dos funcionários não se deu pela migração, e sim pelo atraso na migração. O atraso de 39 meses no processo nos prejudicou e acredito que se o projeto tivesse estreado no FM, em março de 2015, como previsto inicialmente, não teríamos feito demissões, o atraso da Anatel nos levou a isso (Pittoli, 2024).

Outro desafio que a Auri Verde teve de enfrentar, assim como outras emissoras, foi a modernização do equipamento para poder transmitir em frequência modulada. “Cerca de 35% das emissoras AM precisavam modernizar estúdios, adquirir transmissores transistorizados, antenas e torres de transmissão para viabilizar operação em FM, conforme pesquisa realizada pela UnB” (Bianco; Esch, 2010, p. 168 *apud* Prata; Bianco, 2021, p. 33). Além disso, Pittoli (2024), enquanto diretor à frente do processo de migração, tinha preocupação com relação à faixa estendida² do FM, entre 76.1 MHz até 87.5 MHz, e desenvolveu um projeto para que a emissora pudesse estar presente no *dial* convencional, entre 87.9 MHz a 107.7 MHz.

Para se ter uma ideia, a Auri Verde tinha o direito de estrear no dial estendido, o que considero uma grande pegadinha, um “presente de grego”, não é uma coisa que vai trazer facilidade comercial ao radiodifusor porque quase ninguém tem o rádio programado no *dial* para pegar a faixa estendida, como nos carros, e a Auri Verde não conseguiria porque tínhamos direito a 15 mil watts de transmissão no FM (Pittoli, 2024).

O projeto de migração apresentado por Pittoli à Anatel envolvia a diminuição da potência do transmissor de 15 mil watts para 3.600 watts, ou seja, “diminuir a potência da rádio para estar no meio de todas as outras ao invés de ter 15 mil watts e estar no dial estendido, longe, sozinho e comercialmente inviável” (Pittoli, 2024). Por determinação da Anatel, a emissora concorrente da Auri Verde no AM à época – a Bauru Rádio Clube, pertencente à Rede Bandeirantes – também deveria reduzir sua própria potência, algo que foi acordado em reunião entre as partes.

Já afiliada do Grupo Jovem Pan, a Auri Verde estreou no FM em junho de 2018, posicionada em 97.5 MHz (Tudo Rádio, 2018). Dois anos depois, segundo Pittoli (2024), a emissora conseguiu autorização da Anatel para aumentar a potência do transmissor para 9.600 watts, visando melhor posicionamento na audiência regional. Atualmente, a Auri Verde alcança municípios importantes no Centro-Oeste paulista além de Bauru, como Botucatu, Jaú, Lençóis Paulista, entre outros (Tudo Rádio, 2018).

Outra decisão importante foi a opção por não adquirir uma nova antena exclusiva para transmissão. Pittoli explica que “a Auri Verde hoje não tem uma torre

² Na tentativa de resolver a crise do AM, a Anatel e o Governo Federal destinaram os canais 5 e 6 da TV analógica para o FM, permitindo que emissoras localizadas onde não havia espaço no dial se abrigassem entre 76,1 MHz e 87,5 MHz, ampliando as possibilidades de migração.

própria, ela tem um aluguel de alguns metros dentro de uma torre já estabelecida, que é a torre do Bispado da Arquidiocese de Bauru, que está num posicionamento topográfico bastante interessante” (Pittoli, 2024).

Além do posicionamento, a escolha por esta prática pioneira na cidade também se deve ao fator financeiro, pois a emissora não gastou com a aquisição de terreno, nem com a instalação de uma nova torre, o que foi importante para que um investimento mais assertivo pudesse ser feito em estrutura técnica para uma maior qualidade do produto radiofônico.

6 - MUDANÇAS NA PROGRAMAÇÃO: JORNALISMO GANHA ESPAÇO

A chegada do rádio FM no Brasil, no fim dos anos 1960, fez com que a programação das estações AM passasse por mudanças para se manter competitiva no mercado. Lopez *et al.* (2019, p. 61) explica que “essas emissoras tiveram que sustentar sua programação fortalecendo o jornalismo, a cobertura esportiva e os programas de estilo *talk show* com prestação de serviço”. Porém, com o enfraquecimento da faixa AM nas últimas décadas e a migração em massa para o FM graças à política pública (Brasil, 2013), o jornalismo foi afetado nas rádios brasileiras, tanto na grade de programação quanto na audiência.

Se por um lado a troca de dial tem gerado ganhos à qualidade sonora, também vem representando um crescimento no número de redes de rádios musicais, resultando em um enxugamento de espaços informativos locais na programação de muitas emissoras do interior do país, o que, em nosso entendimento, coloca em risco o futuro do radiojornalismo (Farias, 2023, p. 107).

Ao analisar o caso da Rádio Auri Verde, é possível perceber um movimento contrário a esse fenômeno na programação semanal. Historicamente, programas com foco na prestação de serviço e na denúncia de problemas estruturais da cidade, como o antigo *Tribuna de Opiniões* na década de 1950 (Caldeira, 1982 *apud* Rodrigues et al., 2013, p. 9), sempre estiveram presentes na emissora, mas ocupavam pouco espaço.

De acordo com Ferraz (2005), a programação da Auri Verde tinha forte apelo comunitário e focava na prestação de serviços, nos programas musicais e de entretenimento, além das transmissões esportivas. Porém, a partir de 2014, através

de pesquisas de campo realizadas no mercado estadunidense de rádio, descobriu-se a necessidade de mudança para que a emissora pudesse se manter entre as mais ouvidas da região no novo *dial*.

Fui buscar o que precisava saber lá (nos Estados Unidos), em 2014, e descobri o seguinte: a música estava deixando de ser matéria-prima do rádio por conta dos aplicativos de música como Spotify, Apple Music e Deezer. Identifiquei que o que traria prosperidade e um novo ciclo de audiência para a rádio seria a geração de conteúdo (Pittoli, 2024).

Figura 1 - Programação semanal da Auri Verde AM entre 2015 e 2017



Fonte: Elaborado pelo autor com base em entrevista a Alexandre Pittoli, 2024.

Em 2015, ano em que a emissora iniciou de fato o processo de migração, a programação semanal era composta por quatro programas com foco no entretenimento: *Show da Madrugada*, *Super Manhã*, *Classificados Auri Verde* e *Super Tarde*. Apenas dois eram jornalísticos: *Alô Bauru* e *Jornal da Auri Verde*. Os programas *Lá no meu Sertão* e *Discoteca Auri Verde* eram totalmente musicais, enquanto o *Auri Verde e Você* e o *Bauru Agora* tinham como objetivo a prestação de serviço e o *Jornada Esportiva* era o programa de esportes da empresa.

Enquanto os programas de entretenimento ocupavam cerca de oito horas na grade, os programas dedicados ao jornalismo representavam apenas cinco – sem contar a reprise do *Jornal da Auri Verde* durante a madrugada. Três horas eram dedicadas a programas musicais, assim como à prestação de serviço, e duas horas à programação esportiva que, em dias de transmissão de jogos de futebol, basquete ou vôlei, poderia se estender por mais de duas horas.

Figura 2 - Programação da Auri Verde AM aos finais de semana entre 2015 e 2017



Fonte: Elaborado pelo autor com base em entrevista a Alexandre Pittoli (2024).

Nos finais de semana, a maior parte da grade era preenchida com música e transmissões esportivas. Aos sábados, uma parte da programação semanal dedicada à informação era mantida, ao vivo, com cinco horas de programas de entretenimento, três ao jornalismo – sem contar a reprise do *Jornal da Auri Verde* – e três à prestação de serviço. Quando não havia nenhum evento esportivo local para transmitir, o musical *Discoteca Auri Verde* ocupava o espaço restante na grade. Aos domingos, a programação esportiva se estendia por seis horas, mas em dias sem

transmissão, as 24 horas eram preenchidas por programas musicais, incluindo o *Show do Tatão*, dedicado à música sertaneja.

Para Pittoli (2024), naquele momento, apesar da multiplicidade de estilos de programas, a emissora mostrava fragilidade financeira e passava por um momento de virada, tanto na equipe quanto na parte técnica. A saída encontrada para superar a crise e, ao mesmo tempo, colocar em prática o modelo de radiojornalismo planejado no início da migração foi aderir a uma rede nacional focada na produção de conteúdo jornalístico. Este processo já havia sido observado por Lopez *et al.* (2019) ao apontar que parte das emissoras migrantes escolheriam aumentar a produção jornalística e que, para isso, algumas delas optaram por aderir uma rede nacional ou regional de rádios.

Os radiodifusores apontaram como vantagens a marca forte, liderança da rede no segmento all news, credibilidade da marca, estrutura completa de programação com janelas locais, o que gera economia, porque traz toda a plástica sonora pronta, resultando em baixo custo e programação de qualidade (Lopez *et al.*, 2019, p. 65).

6.1 - ADESÃO AO GRUPO JOVEM PAN E AO FORMATO ALL NEWS

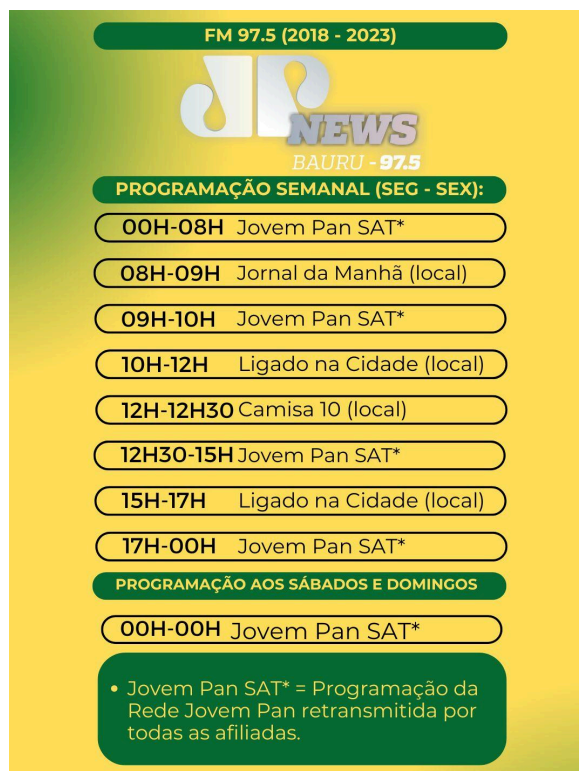
A chegada da rede Jovem Pan fez com que a mudança na programação da Rádio Auri Verde fosse radical, uma vez que os programas de entretenimento deixaram de fazer parte da grade da emissora e a maioria dos conteúdos veiculados eram produzidos pela rede e retransmitidos obrigatoriamente por todas as afiliadas. Farias (2024) observa que esse processo – que não é de exclusividade da Auri Verde – resulta na diminuição do espaço dedicado à informação local, dando lugar a programas destinados à população das grandes metrópoles, resultando no primeiro passo para que a tradicional emissora bauruense começasse a perder um pouco do caráter local que sempre foi marca registrada desde a fundação nos anos 1950.

Programas musicais como *Lá no Meu Sertão*, *Show do Tatão* e *Discoteca Auri Verde* deixaram de existir naquele momento, assim como os clássicos do entretenimento *Show da Madrugada*, *Super Manhã*, *Classificados Auri Verde* e *Super Tarde*. Apenas a programação que já era voltada para o jornalismo e para o esporte resistiram, mas com novos nomes e com a plástica padrão da rede.

Evidentemente que o fenômeno não pode ser analisado de forma linear. No entanto, é fato que os estudos sobre o meio precisam enxergar o

enxugamento da informação local como um possível problema futuro, onde não pertencer às pautas regionais significará perda de força política, de mobilização e até de enfraquecimento da opinião pública (Farias, 2024).

Figura 3 - Programação da Jovem Pan News Bauru FM entre 2017 e 2023



Fonte: Elaborado pelo autor com base em entrevista a Alexandre Pittoli (2024).

Cinco horas da grade de programação eram destinadas ao jornalismo local com os programas *Jornal da Manhã* e as duas edições – manhã e tarde – do *Ligado na Cidade*, enquanto o *Camisa 10*, de esportes, durava apenas meia-hora e os demais programas eram todos produzidos pela Rede Jovem Pan e retransmitidos para todas as afiliadas do país.

Apesar de o fato representar uma perda para o jornalismo local, a emissora bauruense soube utilizar o novo formato de programação e os benefícios da transmissão em FM a seu favor para se tornar uma emissora de alcance nacional, alinhando o radiojornalismo político à produção multimídia, ultrapassando limites que dificilmente seriam superados se a migração não tivesse acontecido.

7 - DE BAURU PARA O MUNDO

A chegada da Jovem Pan na Auri Verde provocou mudanças significativas não apenas na programação e na linha editorial, mas também na estrutura física da emissora desde a implantação da logomarca na fachada, nos corredores internos, nos microfones e nos estúdios de gravação da emissora. Em relação ao conteúdo produzido, o entretenimento e a música foram completamente substituídos pelo jornalismo em tempo integral da cabeça de rede.

Pittoli (2024) destaca o fato de que a adesão à rede aconteceu em um momento político decisivo para o país³ e que além da marca, trouxe a participação de colunistas, articulistas, apresentadores e debatedores que a rádio não teria se continuasse com abordagem inteiramente local como ocorria no AM. No entanto, isso não significa dizer que as pautas de Bauru foram completamente abandonadas, apesar de deixarem de ser o principal produto com o passar dos anos.

Conseguimos fazer, dentro do contrato cumprido, uma programação local bastante competitiva. Então, transformamos uma rádio *news* em algo que disputou o primeiro lugar da audiência com as demais sem tocar nenhuma música e tratando de questões locais. Campanhas como a *hashtag* “Bauru sem dono” (*#BauruSemDono*) foram implantadas para trazer a proximidade da audiência, mostrando o compromisso que tínhamos com as pautas locais, conseguimos alinhar o poder da grife Jovem Pan ao compromisso de defender as bandeiras locais e isso foi decisivo para esse período de sucesso da rádio (Pittoli, 2024).

“A migração da AM para o FM foi um dos fatores que estimulou novos investimentos na mídia radiofônica” (Prata e Del Bianco, 2021, p. 360). Na Auri Verde, o ganho em qualidade de áudio proporcionado pela migração impulsionou investimentos na veiculação de conteúdos e transmissões em outro espaços além do rádio, como as redes sociais e, principalmente, o YouTube (Tudo Rádio, 2022), fator que fez com que a emissora se tornasse cada vez mais popular.

Mesmo com a desmonetização sofrida pela Jovem Pan após as eleições de 2022 (Santana, 2023) e, posteriormente, o desligamento da afiliada de Bauru por “descumprimento das normas de conformidade com a linha editorial orientada pela rede nos canais digitais” (Tudo Rádio, 2022), a emissora bauruense – que de acordo

³ A chegada da Jovem Pan em Bauru aconteceu a menos de um ano das eleições presidenciais de 2018, nas quais Jair Bolsonaro, candidato apoiado pela rede e suas afiliadas, foi eleito presidente da República.

com Pittoli (2024), já contava com mais de 1,5 milhão de inscritos no YouTube – manteve a programação matinal focada na defesa de pautas políticas bolsonaristas, abrindo espaço para influenciadores, jornalistas e figuras do meio político que compartilham da mesma linha de pensamento e que possuem grande alcance de audiência por abordarem pautas de interesse nacional em seus conteúdos.

Para manter os índices de audiência na programação nacional, a emissora apostou na utilização do nome *Auri Verde Bauru* em um primeiro momento e voltou a utilizar o nome de programas antigos como *Jornal da Auri Verde*, *Bauru Agora*, *Discoteca Auri Verde* e *Jornada Esportiva* (atual *Auri Verde na Área*), justamente para que o público pudesse encontrar a emissora em pesquisas via *internet* sem grandes dificuldades. Segundo Pittoli, “tudo que se propunha em relação ao nome era voltado à maneira que se davam as buscas pela *Jovem Pan News Bauru*” (Pittoli, 2024).

Em novo *dial* e com as mesmas marcas que acompanharam a emissora ao longo dos quase 70 anos de história, a rádio passou a usar o nome *Auri Verde Brasil* nas plataformas digitais e na programação matinal ao vivo, de segunda à sexta, mais especificamente nos programas *Painel Auri Verde* e *Jornal da Auri Verde*. Em contrapartida, durante o *Auri Verde na Área* e o *Bauru Agora*, utiliza-se o nome *Rádio Auri Verde* ou *Auri Verde Bauru* para se referir a emissora, já que estes programas abrem espaço maior para pautas locais e possuem maior parte da audiência no rádio FM do que em outras plataformas.

Isto posto, é possível notar que há uma segregação editorial entre a programação jornalística nacional e local, mais especificamente do *Jornal da Auri Verde* com os demais programas, até mesmo nas plataformas digitais. Os conteúdos do programa principal da emissora são veiculados no rádio, no canal *Auri Verde Brasil* do YouTube – que possui mais de 2 milhões de inscritos – e nos perfis *@auriverdebrasil* do Instagram e do X que, somados, contabilizam cerca de 160 mil seguidores.

Os conteúdos do *Auri Verde na Área*, além do rádio FM, são compartilhados no perfil *@auriverdenaarea* do Instagram – com apenas 150 seguidores – e no homônimo do Spotify, com menos de 50 seguidores, além de transmissões esportivas no canal *Bauru Agora* do YouTube, que possui mais de 35 mil inscritos. Já os programas *Bauru Agora* e *Painel Auri Verde* são veiculados apenas no rádio e não produzem conteúdos direcionados para as redes sociais da emissora.

Figura 4 - Programação atual da
Rádio Auri Verde FM

FM 97.5 (ATUALMENTE)	
	
PROGRAMAÇÃO SEMANAL (SEG - SEX):	
00H-04H	Jornal da Auri Verde (reprise)
4H-5H30	Auri Verde Musical
5H30-6H	A Força do Agro (Revista Oeste)
06H-08H	Painel Auri Verde
08H-12H30*	Jornal da Auri Verde
12H30-14H	Auri Verde na Área
14H-17H45	Bauru Agora
17H45-20H	Oeste Sem Filtro (Revista Oeste)
20H-21H	Voz do Brasil
21H-22H30	Braddock Show
22H30-0H	Discoteca Auri Verde
PROGRAMAÇÃO AOS SÁBADOS E DOMINGOS:	
00H-23H59	Auri Verde Musical

Fonte: Elaborado pelo autor com base em entrevista a Alexandre Pittoli (2024).

Assim como no AM, a Auri Verde voltou a ter uma programação musical de segunda à sexta, através do *Auri Verde Musical* e da volta da *Discoteca Auri Verde* à grade, além do *Painel Auri Verde*, que tem como proposta noticiar os principais acontecimentos de Bauru, do Brasil e do mundo, prestar serviço ao ouvinte local e, entre uma notícia e outra, tocar músicas que fizeram sucesso entre os anos 1970 a 1990. Já nos fins de semana, a programação musical preenche toda a grade, exceto em casos excepcionais como transmissões esportivas ou cobertura de eventos políticos de interesse nacional, como a apuração em tempo real das eleições municipais de 2024 que obteve mais de 951 mil visualizações (Auri Verde Brasil, 2024).

O fato de não haver mais programação ao vivo em todos os dias da semana com a mesma regularidade da época do AM é um claro exemplo do quanto o espaço jornalístico foi reduzido no rádio brasileiro com o fenômeno da migração e deu lugar à música. Mesmo no caso da Auri Verde, que implantou uma programação predominantemente noticiosa no cotidiano, deixou uma lacuna ao não dedicar uma

parte da grade dos sábados e domingos para a programação ao vivo com notícias e debates sobre pautas locais, nacionais ou regionais. “Assim, o meio que sempre teve sua “vocação” voltada às pautas do entorno, aos temas dos bairros, deu lugar aos hits nacionais ou a programas destinados a um público de regiões metropolitanas” (Farias, 2024).

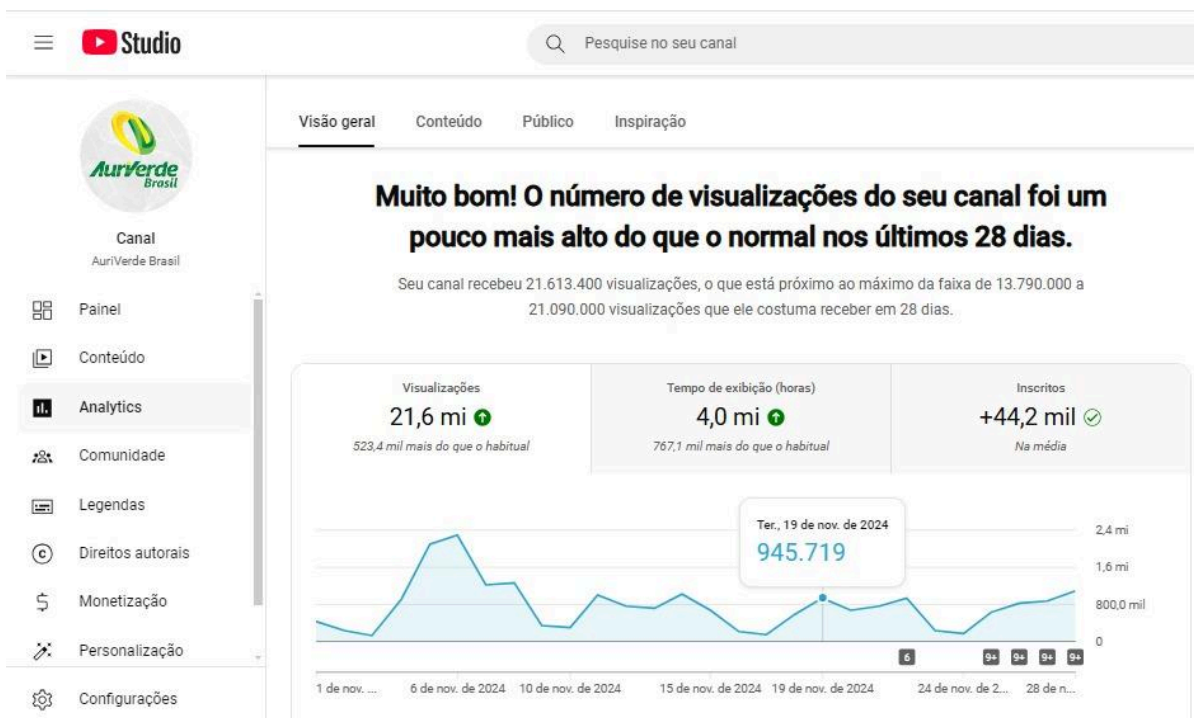
O carro-chefe da emissora é o *Jornal da Auri Verde*, apresentado pelo próprio Alexandre Pittoli, caracterizado pelo debate sobre os principais temas políticos, sociais e econômicos do momento, contando com a participação de colunistas conhecidos nacionalmente como os jornalistas Alexandre Garcia e Rodrigo Constantino (Auri Verde Brasil, 2024), que já fizeram parte do grupo de colunistas da Jovem Pan (Grupo Jovem Pan, 2022) para comentar as pautas. Além disso, em todos os programas são entrevistadas personalidades políticas e influenciadores ligados à direita, em conformidade com a linha editorial do jornal e da própria emissora.

O programa se inicia às 8h, com duração de seis horas, ou seja, até às 14h30, com chamadas de blocos de intervalos comerciais a cada meia-hora no FM e sem intervalos no YouTube. A transmissão ao vivo pode ser acompanhada em áudio nos 97.5 MHz para Bauru e centro-oeste paulista, no aplicativo *Rádios Net* e no site oficial da emissora; com áudio e vídeo no canal do YouTube *AuriVerde Brasil*, no X [@auriverdebrasil](#) e na TV aberta via antena parabólica nos canais 581, 47.1 para zona leste de São Paulo e ABC Paulista e 21.1 em Porto Velho, Rondônia.

A partir das 12h30, o *Jornal da Auri Verde* segue apenas no YouTube e nos canais abertos da antena parabólica, enquanto a programação no rádio dá lugar ao programa esportivo *Auri Verde na Área* – produzido pelo autor deste estudo –, com foco principal no debate sobre os principais acontecimentos do futebol nacional, notícias e repercussões sobre os jogos do Noroeste, Bauru Basket e Sesi Vôlei Bauru e outras modalidades até às 14h, com a gravação de cada edição disponível em formato *on demand* no Spotify. Em seguida, a programação segue com o tradicional *Bauru Agora*, trazendo notícias de Bauru, prestação de serviço, entrevistas e entretenimento nas ondas do rádio e no canal *Bauru Agora*⁴ do YouTube.

⁴ O canal *Bauru Agora* é o canal da Rádio Auri Verde usado exclusivamente para veicular conteúdos dos programas *Bauru Agora* e *Auri Verde na Área*, referentes a pautas de cunho local. Atualmente, de acordo com o YouTube, o canal conta com mais de 35 mil inscritos.

Figura 5 - Números de audiência da Auri Verde em novembro de 2024



Fonte: Imagem retirada do YouTube Studio (AuriVerde Brasil, 2024).

Além dos programas em áudio e vídeo produzidos pela Auri Verde, a emissora possui parcerias com canais que defendem os mesmos ideais políticos, como *Revista Oeste* e *Fator Político BR* (Pittoli, 2024). Estes parceiros permitem a retransmissão de seus programas como *A Força do Agro*, *Oeste Sem Filtro* e *Braddock Show* na grade da emissora bauruense. A Auri Verde ainda conta com planos de assinatura mensal ou anual que garantem aos ouvintes acesso exclusivo à *newsletter* e à revista com os principais destaques da semana tratados no *Jornal da Auri Verde*.

Essa junção de fatores unidos à produção de conteúdos multimídia faz com que a Auri Verde tenha marcas expressivas de engajamento nas plataformas digitais. De acordo com dados analisados do YouTube entre os dias 1º e 28 de novembro do ano passado, o canal *AuriVerde Brasil* recebeu 21,6 milhões de visualizações e ganhou mais de 44,2 mil inscritos no período, além do fato de atingir uma audiência diversificada em faixa etária e extrapolar os limites geográficos do estado e do país.

A troca de espectro tem sido percebida como um marco regulatório importante no cenário radiofônico brasileiro da atualidade. Além de ter sido uma sobrevida para os donos de rádio, que amargavam

problemas de recepção de sinal, queda de anúncios e baixa audiência, a migração do AM-FM foi uma das soluções encontrada para a falta de um modelo de transmissão digital no país (Farias, 2020)

Figura 6 - Audiência da Auri Verde entre as faixas etárias

Idade do espectador ↓	Visualizações	Duração média da visualização	Porcentagem visualizada média	Tempo de exibição (horas)
<input type="checkbox"/> 13 a 17 anos	0,2%	10:35	9,6%	0,2%
<input type="checkbox"/> 18 a 24 anos	1,9%	9:31	7,8%	1,6%
<input type="checkbox"/> 25 a 34 anos	5,9%	9:15	7,1%	5,0%
<input type="checkbox"/> 35 a 44 anos	13,6%	10:13	8,1%	12,8%
<input type="checkbox"/> 45 a 54 anos	20,4%	10:55	9,3%	20,4%
<input type="checkbox"/> 55 a 64 anos	26,5%	11:17	10,3%	27,4%
<input type="checkbox"/> A partir de 65 anos	31,4%	11:18	12,2%	32,6%

Fonte: Imagem retirada do YouTube Studio (AuriVerde Brasil, 2024).

Essa pluralidade da audiência era um dos objetivos almejados pelas emissoras brasileiras ao aderirem à migração, principalmente com o público jovem, sem perder os ouvintes fiéis desde o AM (Prata e Del Bianco, 2021). No período analisado durante o mês de novembro de 2024, a audiência no YouTube acima dos 65 anos representou 31,4% do total, enquanto a porcentagem que representa o público adulto entre 35 e 64 anos, chega a 60,5%.

O que nós tínhamos era um público muito envelhecido, que só sabia ligar o rádio e esperar a Auri Verde falar. O que a gente precisou fazer foi ensinar o público que ele tinha a possibilidade de ouvir uma rádio no FM. No início, fizemos campanhas como “procure a Auri Verde, agora no FM, em 97.5”, anúncios no cinema em filmes de faixa etária de 45 anos e mais, fizemos um trabalho de informação para a audiência que não sabia ouvir o FM, acredite se quiser. (Pittoli, 2024).

Figura 7 - Países com maiores índices de audiência da Auri Verde pelo mundo

País	Visualizações ↓	Tempo de exibição (horas)	Duração média da visualização
<input type="checkbox"/> Total	21.613.400	3.955.142,0	10:58
<input type="checkbox"/> Brasil	19.786.044 91,6%	3.628.293,8 91,7%	11:00
<input type="checkbox"/> Estados Unidos	300.837 1,4%	68.338,5 1,7%	13:37
<input type="checkbox"/> Portugal	95.573 0,4%	16.088,4 0,4%	10:06
<input type="checkbox"/> Japão	45.728 0,2%	9.415,6 0,2%	12:21
<input type="checkbox"/> Reino Unido	33.098 0,2%	5.836,4 0,2%	10:34

Fonte: Imagem retirada do YouTube Studio (AuriVerde Brasil, 2024).

A presença multiplataforma da Auri Verde também trouxe como ponto positivo um número significativo de audiência fora do país. Isso se deve ao fato de que a emissora tem entrevistado jornalistas e personalidades políticas que residem fora do país, além do fato de estar presente em eventos internacionais. Um exemplo disso se deu durante a posse do presidente de El Salvador, Nayib Bukele, quando o apresentador do Jornal da Auri Verde, Alexandre Pittoli, e o comentarista Eduardo Borgo – que também é vereador na cidade de Bauru pelo partido NOVO –, estiveram presentes e fizeram entradas ao vivo durante a programação matinal (Auri Verde Brasil, 2024).

8 - CONSEQUÊNCIAS DA MIGRAÇÃO NA AURI VERDE

Sete anos após a conclusão do processo de migração da Auri Verde para o FM, é possível encontrar uma rádio que deixou de falar apenas para um público amplo regional para comunicar também a um nicho muito específico de consumo de conteúdo que se expande pelos quatro cantos do país. Com novos equipamentos de transmissão, uma equipe reduzida se comparada à época do AM e produção de conteúdos multiplataforma, a emissora bauruense, segundo seus gestores, voltou a ter competitividade não apenas como produto jornalístico, mas também como produto comercial.

A migração abre a possibilidade de transitarmos no dial FM, que comercialmente você consegue viabilizar, diferentemente do AM que tem um sinal muito menos robusto do ponto de vista da qualidade, o que compromete a comunicação do seu ambiente. Para se ter uma ideia, quando estreamos no FM, a gente conseguiu oferecer resultado aos nossos patrocinadores, coisa que no AM já não estávamos conseguindo em função das interferências ocorridas na transmissão (Pittoli, 2024).

Prata e Del Bianco (2021) apontam que 80% das emissoras de rádio do estado de São Paulo tinham o “faturamento com publicidade e a expectativa de alcançar várias faixas de audiência” como uma das principais razões para migrar, além da melhoria de qualidade de som, inserção do rádio no ambiente digital e a redução de custos com energia elétrica.

Pittoli (2024) acredita que sem a migração, a rádio já teria sido fechada e considera que as estações que optaram por não migrar cometeram um grande equívoco, apesar de entender que se trata de um processo complicado e que não

traz retorno financeiro imediato. A falta de recursos para compra de novos equipamentos para transmitir em FM, inclusive, é uma das razões pelas quais algumas emissoras paulistas não migraram ou tiveram atraso no processo (Prata; Del Bianco, 2021).

No que se refere ao conteúdo produzido, assim como em outras emissoras que migraram, “houve uma mudança no padrão da programação musical e a ampliação do jornalismo [...]” (Prata; Del Bianco, 2021, p. 364). Com a adesão à Jovem Pan, programas tradicionais de música e entretenimento sumiram da grade, mas foi a partir desse momento que a emissora começou a disputar audiência matinal nas plataformas digitais com canais de abrangência nacional (Pittoli, 2024) e conquistou boa parte do público que segue fiel à Auri Verde até hoje. Alguns programas da época do AM voltaram à grade como o *Discoteca Auri Verde*, *Jornal da Auri Verde* e *Bauru Agora*, mas o jornalismo passou a ocupar um espaço maior que os musicais e o entretenimento.

Porém, ao passo em que se ganha na cobertura jornalística nacional, perde-se no jornalismo local, já que as pautas de interesse da população bauruense especificamente tiveram seu espaço reduzido e deixaram de ser o foco da emissora. Além disso, a troca da cobertura jornalística constante nos finais de semana pela programação 100% musical representa uma perda do jornalismo da emissora se comparado ao período de transmissão AM, visto que ao menos durante o período matinal dos sábados, havia programação informativa e interação com o ouvinte em tempo real.

A equipe da rádio, que chegou a contar com cerca de 70 colaboradores durante o período de audiência superlativa no AM (Pittoli, 2024), hoje tem 24 integrantes, além de seis sócios – incluindo Pittoli (Veja, 2025), um número mais próximo daquele do início da emissora, nos anos 1950, sob a direção de Tobias Ferreira, quando havia apenas 15 funcionários (Rodrigues *et al.*, 2013).

A instabilidade financeira do antigo *dial*, os atrasos da Anatel na viabilização do processo de migração e o novo dinamismo que o mercado radiofônico tomou (Pittoli, 2024), além da praticidade tecnológica que automatiza uma série de processos de montagem de programação e facilita a apuração e o acesso à informação multimídia, são fatores que ajudam a explicar a equipe mais enxuta e que fizeram algumas atividades, como radioescuta, deixarem de existir na emissora.

9 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescimento urbano e surgimento de novas tecnologias gerou o aumento da poluição na faixa das ondas médias e a queda de qualidade de som no antigo *dial*. Fatores, que como vimos, resultaram no decreto de troca de banda. Para que o rádio prosperasse na sociedade moderna e voltasse a ser um produto rentável comercialmente, foi necessário a criação desta política pública para possibilitar a adaptação de outorgas das emissoras para transmissão em FM, um sinal de alcance menor, mas menos suscetível a interferências e mais econômico para as emissoras, iniciando assim uma nova era no rádio brasileiro e no mercado da comunicação como um todo.

Desde então, seja nas capitais ou nas cidades de interior, a migração foi a salvação para os radiodifusores e causou profundas mudanças técnicas, enxugamento de equipes e novos estilos de programação nas estações. A mudança trouxe consequências para o radiojornalismo que, por décadas, foi o principal produto do rádio AM. Enquanto algumas optaram pela redução do espaço informativo e adotaram uma grade mais voltada ao entretenimento e à música, a Rádio Auri Verde de Bauru – que desde sua fundação em 1956 tinha sua grade majoritariamente dedicada ao entretenimento e à música – foi na contramão e decidiu fazer do jornalismo seu carro-chefe.

As decisões editoriais e técnicas tomadas por Alexandre Pittoli, diretor de programação da rádio à frente do processo de migração, alinhado à multiplicidade de canais de comunicação multimídia que a Auri Verde passou a se fazer presente, transformou uma rádio bauruense de público local em uma emissora nacionalmente conhecida e com mais de dois milhões de inscritos no YouTube, atingindo lugares e públicos que não conseguia enquanto AM. Porém, apesar de manter boa relação com o público local, principalmente na programação semanal do período da tarde e nas transmissões esportivas dos times de Bauru, as pautas locais, que antes eram o principal produto da emissora, tiveram seu espaço drasticamente reduzido. Também vale frisar que o alcance conquistado deu-se pela parceria recente com Jovem Pan News, posteriormente desfeita por contradições ideológicas.

A escolha pela adesão a uma rede nacional de rádios no meio deste processo acaba sendo feita em decorrência das dificuldades financeiras e de manutenção da equipe de produção oriundas do fim do período AM, não deixando outra opção viável

que não seja seguir esse caminho e, conseqüentemente, sacrificar um dos pilares do rádio que é a prestação de serviço nas ruas e bairros de uma cidade. O jornalismo local da Auri Verde ainda sobrevive com a cobertura esportiva dos principais times da cidade e no *Bauru Agora* de segunda a sexta, mas não há o mesmo aprofundamento no restante da programação como antigamente.

A participação constante de colunistas e figuras conhecidas ligadas à direita, posicionamento ideológico explícito e retransmissão de programas de grandes canais políticos são fatores que ajudam a entender como a Auri Verde se tornou porta-voz nacional de uma vertente política (Veja, 2025). Uma aposta que fez com que a emissora também seja presença constante em manifestações em defesas de pautas bolsonaristas e refúgio para figuras políticas que seguem a mesma linha de pensamento.

Portanto, podemos concluir que ao mesmo tempo em que a migração foi a salvação para a Auri Verde e para todo o cenário radiofônico do Brasil no aspecto técnico, de qualidade sonora e financeiro, também resultou na necessidade de encontrar novas alternativas para manter a competitividade no *dial*, reter a audiência tradicional, conquistar o público jovem, ampliar a gama de interação com o ouvinte e modernizar a programação. Mas os reflexos do prejuízo causado pela decadência do AM impediram, em um primeiro momento, que a emissora fizesse isso por conta própria e, como consequência, recorreu à adesão a uma rede nacional de rádios, fator que foi determinante para a perda da identidade local na programação.

No fim das contas, foi uma aposta que deu certo e trouxe prosperidade para a Auri Verde, colocando a marca em evidência no país, no rádio e nas plataformas digitais, mas as pautas bauruenses e o entretenimento, que sempre foram marcas registradas da rádio deram lugar às pautas nacionais e à defesa de um movimento político. A migração trouxe grandes benefícios técnicos e pontos a serem debatidos em relação à Auri Verde – assim como em várias rádios pelo país – e seu alcance passou a ser tão grande que ultrapassou os limites de Bauru.

REFERÊNCIAS

ADAMI, A. **Atualizando a história – 100 anos do rádio em São Paulo: SQIG - Sociedade Rádio Educadora Paulista e PRA-6 Rádio Gazeta**. Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 46, p. e2023123, 2023. DOI: 10.1590/1809-58442023123pt. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/4563>. Acesso em: 29 mar. 2025.

AGÊNCIA BRASIL. **Cem anos do rádio no Brasil: primeiras rádios brasileiras. 21 jun. 2022**. Radioagência, Cultura, Rádio MEC, 5 jun. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2022-06/cem-anos-do-radio-no-brasil-primeiras-radios-brasileiras>. Acesso em: 29 mar. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA. **Rádio Auri Verde demite todos os funcionários**. Home, Arquivo. 26 set. 2017. Disponível em: <https://www.abi.org.br/radio-auri-verde-demite-todos-os-funcionarios/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMISSORAS DE RÁDIO E TELEVISÃO. **Migração AM-FM**. Disponível em: <https://www.abert.org.br/site/migracao>. Acesso em: 15 mar. 2025.

AURI VERDE BRASIL. **Sobre a Rádio Auri Verde**. Disponível em: <https://auriverdebrasil.com.br/sobre-a-radio-auriverde/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

AURIVERDE BRASIL. **Eduardo Borgo conta como foi cobrir posse do presidente reeleito Nayib Bukele, em El Salvador**. YouTube, 3 jun. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HJzPE2d3Fes>. Acesso em: 30 mai. 2025.

AURIVERDE BRASIL. **YouTube Studio**, 29 nov. 2024. Disponível em: <https://studio.youtube.com/channel/UCLHIUIBlid6qpljFBWEOHSw/analytics/tab-overview/period-default?c=UCLHIUIBlid6qpljFBWEOHSw>. Acesso em: 29 nov. 2024.

BRASIL. Decreto nº 8.139, de 7 de novembro de 2013. **Dispõe sobre as condições para extinção do serviço de radiodifusão sonora em ondas médias de caráter local, sobre a adaptação das outorgas vigentes para execução deste serviço e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 de novembro de 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d8139.htm. Acesso em: 20 mar. 2025.

CALDEIRA, Sandro Ferreira. **“Aspectos Históricos do rádio em Bauru”**. Faculdade de Arte e Comunicação da Fundação Educacional e Prefeitura Municipal de Bauru, s.d. *apud* LIMA, João Francisco Tidei. **Alô, Alô, ouvintes: no ar, o rádio em Bauru**. Bauru, São Paulo, Bazar Editorial, Editora Jalovi, 2013.

DALL'AGNOL, Laísa. **Como uma pequena emissora de rádio se tornou porta-voz do bolsonarismo**. VEJA, edição nº 2930, Política, 10 fev. 2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/como-uma-pequena-emissora-de-radio-se-tornou-porta-voz-do-bolsonarismo/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

DUARTE, Adriana. **Rádio Sociedade do Rio de Janeiro**. FGV CPDOC, Atlas Histórico do Brasil, Verbetes. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbetes/radio-sociedade-do-rio-de-janeiro>. Acesso em: 14 mar. 2025.

FADDUL, Juliana. **Rádios AM locais deixam de existir no ano que vem**. Emissoras têm até 31 de dezembro para migrar para outras faixas. Piauí, questões radiofônicas, 1 dez. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/radios-am-locais-deixam-de-existir-no-ano-que-vem/>. Acesso em: 4 abr. 2025.

FARIAS, Karina Woehl de. **O custo de modernizar o rádio na migração AM-FM é sacrificar o jornalismo local?** Observatório da Imprensa, Projor, Radiojornalismo, edição 1273, 1 fev. 2024. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/radiojornalismo/o-custo-de-modernizar-o-radio-na-migracao-am-fm-e-sacrificar-o-jornalismo-local/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

FARIAS, K. W. de. **Relevância do rádio local e o crescimento das redes musicais: inquietações sobre a Migração do AM-FM**. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, [S. l.], v. 22, n. 44, 2024. DOI: 10.55738/alaic.v22i44.1052. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/1052>. Acesso em: 29 mar. 2025.

FARIAS, Karina Woehl de; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **Ondas de mudança no rádio: do surgimento à migração do AM para FM**. Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG, v. 08, n. 02, pp. 138-159, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/1052>. Acesso em: 19 mar. 2025.

FERRAZ, Arnaldo. **TV Bauru – TV TEM: os caminhos da regionalização**. 2005. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp, Bauru, 2005 *apud* RODRIGUES, Kelly De Conti; COSTA, Ana Carolina; CRIVARI, Natã; FRABETTI, Otávio César; GOBBI, Maria Cristina. **Rádio Auri Verde: Ondas de uma história**. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88280>. Acesso em: 10 mar. 2025.

G1. **YouTube desmonetiza canais da Jovem Pan**. Tecnologia, 23 nov. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/11/23/youtube-desmonetiza-canais-da-jovem-pan.ghtml>. Acesso em: 23 abr. 2025.

GODOY, Lucas Cauã Tavares de. **História do rádio de Bauru**. Reportagem HiperMídia. Início. Disponível em: <https://www.historioradiodebauru.com.br/inicio/#unesp>. Acesso em: 31 mar. 2025.

GOVERNO FEDERAL DO BRASIL. **Em todo país, 1.133 emissoras de rádio AM já migraram para a faixa FM. 2023.** Ministério das Comunicações. Notícias e Conteúdos, 22 set. 2023 Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2023/setembro/em-todo-pais-1-133-emissoras-de-radio-am-ja-migraram-para-a-faixa-fm#:~:text=Para%20mudar%20de%20AM%20para,MCom%20verifica%20a%20habilita%C3%A7%C3%A3o%20jur%C3%ADica>. Acesso em: 21 mar. 2025.

GOVERNO FEDERAL DO BRASIL. **Primeira transmissão oficial em 1922 marcou o início do rádio no Brasil.** Ministério das Comunicações, Notícias e Conteúdos, 7 set. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/mcom/pt-br/noticias/2022/setembro/primeira-transmissao-oficial-em-1922-marcou-o-inicio-do-radio-no-brasil>. Acesso em: 14 mar. 2025.

JORNAL DA CIDADE. **Alcides Franciscato fundou a atual 96FM e foi uma das maiores lideranças de Bauru.** 96 FM Bauru. 9 nov. 2023 Disponível em: <https://96fmbauru.com.br/alcides-franciscato-fundou-a-atual-96fm-e-foi-uma-das-maiores-liderancas-de-bauru>. Acesso em: 30 mar. 2025.

JORNAL DA CIDADE. **Auri-Verde AM vai migrar para o FM.** JCNET, Bauru, São Paulo, Geral, 31 mar. 2014. Disponível em: <https://sampi.net.br/bauru/noticias/2324787/geral/2014/03/auri-verde-am-vai-migrar-para-fm>. Acesso em: 1 abr. 2025.

JORNAL DA CIDADE. **Em processo de migração para o FM, , Auri Verde faz parceria com a Jovem Pan.** JCNET, Bauru, São Paulo, Geral, 26 set. 2017. Disponível em: <https://96fmbauru.com.br/alcides-franciscato-fundou-a-atual-96fm-e-foi-uma-das-maiores-liderancas-de-bauru>. Acesso em: 1 abr. 2025.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Inside Audio 2024.** Brasil, 2024. Disponível em: <https://kantariibopemedia.com/inside-audio-2024/>. Acesso em: 14 abr. 2025.

LIMA, João Francisco Tidei. **Alô, Alô, ouvintes: no ar, o rádio em Bauru.** Bauru, São Paulo, Bazar Editorial, Editora Jalovi, 2013.

LIN, Nelson. **MPF pede cassação de concessões da Jovem Pan por ataques a democracia.** Agência Brasil. Justiça, São Paulo - SP, 28 jun. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/justica/audio/2023-06/mpf-pe-de-cassacao-de-concessoes-da-jovem-pan-por-ataques-democracia>. Acesso em: 23 abr. 2024.

LOPEZ, Debora Cristina; PRATA, Nair; DEL BIANCO, Nélia; ZUCULOTO, Valci; FARIAS, Karina. **Reposicionamento do radiojornalismo frente aos novos desafios da migração do AM para o FM: análise de caso de quatro emissoras tradicionais.** Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG, v. 10, n. 01, pp. 60-78, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/3993/3053>. Acesso em: 19 mar. 2025.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. 2009. 301 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/5209>. Acesso em: 25 mar. 2025.

MATSUKI, Edgard. **Rádio MEC do Rio de Janeiro completa 98 anos no ar**. Agência Brasil. Geral, Brasília - DF, 7 set. 2021. Disponível: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-09/radio-mec-do-rio-de-janeiro-completa-98-anos-no-ar-hoje>. Acesso em: 19 mar. 2025.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Até o final de 2023, 1.185 emissoras de rádio AM já migraram para a faixa FM. 2024**. Agência GOV. Tecnologia, 10 jan. 2024. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202401/ate-o-final-de-2023-1-185-emissoras-de-radio-am-ja-migraram-para-a-faixa-fm>. Acesso em: 26 mar. 2025.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES. **Migração AM/FM e Migração OC e OT/FM**. Governo Federal, 2025. Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiMDAzNWNjZDYtY2I1Yy00MzQwLTg3MGMtZDRiODRhZWU4NGUyIiwidCI6ImExMTIwMGVklTNhYTctNDZhMy05M2UxLTcwYWU4ZmMxZWVxYSJ9>. Acesso em: 24 mai. 2025.

MORADA NOVA FM. **Você sabe como o rádio começou no Brasil?** Blog, Informação, 2 out. 2020. Disponível em: <https://moradanovafm.com.br/south-african-universities-trail-other-brics/#:~:text=A%20primeira%20r%C3%A1dio%20FM%20brasileira,IBOPE%20para%20medir%20a%20audi%C3%A2ncia>. Acesso em: 21 mar. 2025.

NATIVA FM BAURU. **Programação**. Disponível em: <https://nativafmbauru.com.br/>. Acesso em: 4 mai. 2025.

94 FM. **Sobre nós**. Disponível em: <https://www.94fm.com.br/sobre-nos/#:~:text=Ao%20lado%20do%20radialista%20Tobias,raio%20de%20aproximadamente%20150%20km.&text=Situado%20no%20pis%C3%A9rio%20da,livros%20e%20outros%20eventos%20culturais.&text=Os%20est%C3%BAdios%20da%2094fm%20foram,est%C3%BAdios%20para%20som%20e%20radiodifus%C3%A3o>. Acesso em: 30 mar. 2025.

PRATA, Nair; DEL BIANCO, Nélia R. **Migração do rádio AM para o FM - Avaliação de impacto e desafios frente à convergência tecnológica**. Florianópolis, Santa Catarina, Editora Insular, 2021.

PITTOLI, Alexandre. **Entrevista com Alexandre Pittoli. [dez.2024]**. Entrevistador: Antonio Vinícius Santos Silva. Bauru, São Paulo, 2 dez. 2024. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta monografia.

RISO, Anabela. **Rádio é ouvido por 79% da população brasileira, aponta Kantar Ibope Media**. Rede Globo, 29 nov. 2024. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/pi/redeclubes/clubes-oportunidades/noticia/radio-e-ouvido->

por-79percent-da-populacao-brasileira-aponta-kantar-ibope-media.ghtml. Acesso em: 9 abr. 2024.

RODRIGUES, Kelly De Conti; COSTA, Ana Carolina; CRIVARI, Natã; FRABETTI, Otávio César; GOBBI, Maria Cristina. **Rádio Auri Verde: Ondas de uma história.** Revista Alterjor, São Paulo, Brasil, v. 7, n. 1, p. 1–18, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88280>.. Acesso em: 10 mar. 2025.

RODRIGUES, Kelly de Conti; MAGNONI, Antonio Francisco. **O Rádio no Interior: Vínculos Históricos e Análise da Programação.** Intercom, XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Bauru - SP, 2013. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1810-1.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2025.

SANTANA, André. **Desesperada, Jovem Pan pede pix ao público para continuar no ar.** TV História, Jovem Pan News, 4 ago. 2023. Disponível em: <https://tvhistoria.com.br/desesperada-jovem-pan-pede-pix-ao-publico-para-continuar-no-ar/>. Acesso em: 23 abr. 2025.

SIQUEIRA, Julia Moura de; AMORIM, Flora Vieira da Silva; FARIAS, Karina Woehl de. **Reflexões sobre radiojornalismo e migração do AM-FM: o caso das rádios Auriverde e Cultura FM.** Intercom, 28º Congresso de Ciências e Comunicação na Região Sudeste – Campinas/SP, 2025. Acesso em: 8 abr. 2025.

SOPRANA, Paula; PASSOS, Paulo; WIZIACK, Julio. **Como a Jovem Pan virou a voz do bolsonarismo.** Folha de S. Paulo. Eleições 2022, Jornalismo, Mídia, São Paulo, Brasília, 19 set. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/como-a-jovem-pan-virou-a-voz-do-bolsonarismo.shtml>. Acesso em: 8 abr. 2025.

TELETRONIX. **Migração para FM: quais vantagens da mudança de faixa?** Disponível em: <https://teletronix.com.br/migracao-para-fm-quais-vantagens-da-mudanca-de-faixa/#:~:text=No%20caso%20do%20AM%2C%20embora>. Acesso em: 14 mar. 2025.

TUDO RÁDIO. **Anatel tira rádio Veritas FM do ar em Bauru.** Bauru, São Paulo, 7 dez. 2012. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/18281-jovem-pan-news-confirma-estreia-em-bauru-a-partir-da-tradicional-radio-auriverde>. Acesso em: 31 mar. 2025.

TUDO RÁDIO. **Jovem Pan desvincula estação da rede News em Bauru (SP).** Bauru, São Paulo, 23 out. 2023. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/30183-jovem-pan-desvincula-estacao-da-rede-news-em-bauru-sp>. Acesso em: 2 abr. 2025.

TUDO RÁDIO. **Jovem Pan News amplia programação local em Bauru.** Bauru, São Paulo, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/26401-jovem-pan-news-amplia-programacao-local-em-bauru>. Acesso em: 27 mar. 2025.

TUDO RÁDIO. **Jovem Pan News confirma estreia em Bauru a partir da tradicional Rádio AuriVerde.** Bauru, São Paulo, 26 set. 2017. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/18281-jovem-pan-news-confirma-estreia-em-bauru-a-partir-da-tradicional-radio-auriverde>. Acesso em: 29 mar. 2025.

TUDO RÁDIO. **Jovem Pan News já soma mais de 100 mil inscritos em canal no YouTube no Centro Paulista.** Bauru, São Paulo, 16 mai. 2022. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/27367-jovem-pan-news-ja-soma-mais-de-100-mil-i-nscritos-em-canal-no-youtube-no-centro-paulista>. Acesso em: 3 abr. 2025.

TUDO RÁDIO. **Migrante AM-FM, Jovem Pan News FM já está no ar em Bauru.** Bauru, São Paulo, 1 jun. 2018. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/19673-migrante-am-fm-jovem-pan-news-fm-ja-est-a-no-ar-em-bauru>. Acesso em: 17 mar. 2025.

TUDO RÁDIO. **Migrante AM-FM, Jovem Pan News FM amplia seu porte técnico em Bauru.** Bauru, São Paulo, 15 jun. 2021. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/25569-migrante-am-fm-jovem-pan-news-amplia-s-eu-porte-tecnico-em-bauru>. Acesso em: 28 mar. 2025.

TUDO RÁDIO. **Nativa FM inicia transmissões de testes em Bauru.** Bauru, São Paulo, 6 jun. 2018. Disponível em: <https://tudoradio.com/noticias/ver/18281-jovem-pan-news-confirma-estreia-em-bauru-a-partir-da-tradicional-radio-auriverde>. Acesso em: 31 mar. 2025.

UNESP FM. **Rádio UNESP FM comemora 30 anos.** Programas. Especiais. Disponível em: <https://radio.unesp.br/programa/30anos#:~:text=Em%2013%20de%20maio%20de%201991%2C%20ia,passaremos%20a%20divulgar%20ao%20longo%20de%20nossa>. Acesso em: 4 abr. 2025.

VIEIRA, Cibele. **A evolução das rádios AM.** Correio Popular. No Brasil. 9 jan. 2024. Disponível em: <https://correio.rac.com.br/entretenimento/a-evoluc-o-das-radios-am-1.1463521>. Acesso em: 23 mar. 2025.

APÊNDICE A - ENTREVISTA COM ALEXANDRE PITTOLI

Entrevistado: Alexandre Pittoli, diretor de programação da Rádio Auri Verde

Entrevistador: Antonio Vinícius Santos Silva, autor deste estudo

Data da entrevista: 2 de dezembro de 2024

Tempo de gravação: 39 minutos e 42 segundos

Local: Sala de Reuniões da Rádio Auri Verde

Observação: Pittoli cedeu a entrevista via telefone, pois estava dirigindo rumo ao Aeroporto Internacional de Guarulhos para uma viagem a trabalho.

Antonio: Há quanto tempo você está na Rádio Auri Verde?

Pittoli: Eu entrei na Auri Verde em 20 de outubro de 2014.

Antonio: Quais funções você exerceu desde que entrou e quais funções exerce atualmente?

Pittoli: Entrei para ser administrador da rádio junto à Anatel e à Jucesp, para fazer a parte de administração e direção artística, além de apresentação. Acabei acumulando algumas funções, do administrativo ao operacional e hoje estou na função de apresentador, diretor artístico da rádio e abri mão da função administrativa por necessidade. Os sócios e eu entendemos que eu precisava estar focado na parte operacional e artística para dar outros saltos com relação à audiência, pois o administrativo tomava um bom tempo do meu trabalho.

Antonio: Quem foi o fundador da Rádio Auri Verde e a quem ela pertence atualmente?

Pittoli: Ela foi fundada em 7 de setembro de 1956. Naquele momento, havia um grupo de empresários que tocava a rádio. A Auri Verde deu um salto, onze anos depois, em 1967, porque até então, embora fosse uma rádio comercial com outorga e concessão, ela não havia se estabelecido em Bauru e na audiência local. Bauru tinha uma rádio, fundada em 1937, que era a Rádio PRG8 (Bauru Rádio Clube), que hoje – após o processo de migração – é a Rádio Nativa FM 91.5, mas que naquele momento era uma emissora muito tradicional da família Simonetti, fundada por João Simonetti. Essa rádio fez com que a Auri Verde tivesse muita dificuldade para prosperar no início de sua jornada. Só que, em 1967, houve uma troca de comando na Auri Verde e a família Simonetti veio comandar ao lado de Tobias Ferreira. A partir de então, a emissora passa a usar o nome fantasia *Jovem Auri Verde* e vive

um ciclo muito próspero, com uma audiência superlativa, que superava os 85% nas pesquisas (de audiência), uma coisa incrível. Eles seguem até 1990, quando, por um problema de dívida junto à Comissão de Agências de Publicidade, a família Simonetti perde a Auri Verde para um grupo de representantes chamado Afonso Viana. A família Simonetti, então, que tinha outra emissora já no FM (a 94 FM) fica só com ela. A Auri Verde segue com essa nova gestão até 1998, quando o atual grupo assumiu. Foi vendida para um senhor chamado Airton Daré, falecido em 2011, e de lá para cá, 71% da rádio ainda está num espólio e os demais sócios Airton de Conti Daré, Giovana Daré e Paola Daré são filhos do Airton Daré.

Antonio: Qual o perfil da programação da rádio hoje? Ela sempre teve o mesmo perfil?

Pittoli: Com a minha chegada em 2014, preparei a rádio para o futuro. Fiz pesquisas de campo, em especial no mercado norte-americano. O que acontece nos Estados Unidos no mercado de rádio, por mais que seja diferenciado do ponto de vista de valor de inserção, acaba acontecendo aqui num futuro não muito distante. Então, fui buscar o que precisava saber lá em 2014 e descobri o seguinte: a música estava deixando de ser matéria prima do rádio por conta dos aplicativos de música como Spotify, Apple Music e Deezer. Identifiquei que o que traria prosperidade para a rádio e um novo ciclo de audiência seria geração de conteúdo. Então, naquele momento, ainda na expectativa de entrar no FM, preparei a rádio para esta mudança ainda como Auri Verde. Antes da minha chegada, era focada na música e entretenimento, tinha cerca de duas horas e meia dedicadas à notícia, mas tinha muito horóscopo, fofoca, enquetes junto à audiência, música e, quando assumi, entendi que era necessário um ajuste e assim o fizemos. Entretanto, a migração prevista para março de 2015 não saiu, o que atrasou todo o processo e inviabilizou a rádio. Por isso que, em outubro de 2017, ela aderiu à Rede Jovem Pan. Há um divisor de águas, pois até 2014, tinha programas jornalísticos, mas era focada em entretenimento e música. A partir de então, ela passa a ter foco na produção de conteúdo, jornalismo e prestação de serviço.

Antonio: Antes da sua chegada, a programação era voltada para a região do centro-oeste paulista ou era de abrangência nacional?

Pittoli: Na verdade, como a Auri Verde está em Bauru, ela faz o trabalho para a cidade inicialmente e pega a audiência regional, mas temos uma questão comercial. Se você está em uma emissora de uma cidade menor da região, como Agudos,

Lençóis Paulista ou Macatuba, você acaba mirando Bauru para poder atingir comercialmente um grande centro e praticar preços melhores. Em nosso caso, como já estamos em Bauru com a Auri Verde, temos a audiência regional como consequência, pois não há como praticar o preço de um grande centro nas outras praças. Portanto, é uma audiência muito mais focada no status do que na recompensa comercial, então toda emissora de cidade grande faz a programação para a sociedade, o resto é consequência e a Auri Verde já fazia isso quando dependia só do rádio.

Antonio: Conte um pouco mais sobre a migração AM-FM da Rádio Auri Verde. Como foi feita? Quando começou e quando terminou o processo?

Pittoli: Esse processo não é exclusivo da Auri Verde, foi uma ideia do Ministério das Comunicações e da Anatel, tem início em 2013 no Brasil e a ideia era usar a banda de transmissão do AM para as operadoras de telefonia e internet, enquanto os canais 5 e 6 da TV analógica – que foi desligada do Brasil, deixando apenas a TV digital – seriam usados para absorver as emissoras que chegariam ao FM convencional. Algumas emissoras do Brasil não aderiram a esse processo, o que acho um grande equívoco, embora seja um projeto muito caro para a realidade brasileira e sem apoio efetivo do Governo Federal. É um apoio irrisório e longe das necessidades de um radiodifusor para implantar de fato a migração. Quando a Auri Verde fez a adesão, eu ainda não estava na rádio, mas já sabia, pois fui contratado para isso, preparar a rádio para a chegada no FM. Mas houve um atraso gigantesco porque havia a promessa de estreia no FM em março de 2015, entretanto só aconteceu em junho de 2018, ou seja, um atraso de trinta e nove meses para a migração acontecer. Os atrasos foram todos de responsabilidade da Anatel, pois a Auri Verde cumpriu com todas etapas do projeto. O interessante nisso tudo é que eu tive uma ideia que virou case no Brasil: para que pudéssemos chegar no dial convencional (entre 87.9 MHz e 107.7 MHz) e não no estendido (entre 78 MHz e 86 MHz), fiz um projeto para diminuição da potência da rádio. Para se ter uma ideia, a Auri Verde tinha o direito de estrear no dial estendido, o que considero uma grande pegadinha, um “presente de grego”, não é uma coisa que vai trazer facilidade comercial ao radiodifusor porque quase ninguém tem o rádio programado no dial para pegar a faixa estendida, como nos carros, e a Auri Verde não conseguiria porque tínhamos direito a 15 mil watts de transmissão no FM. Sugeri à Anatel a diminuição da minha potência, inicialmente para 3.600 watts, quase um quinto da

potência, para poder entrar no dial convencional, ou seja, optei por diminuir a potência da rádio, mas estar no meio de todas as outras ao invés de ter 15 mil watts e estar no dial estendido longe, sozinho e comercialmente inviável. Este foi um projeto meu e a Anatel me disse que para isso acontecer, a emissora concorrente no AM, que também iria migrar, precisava concordar com essa condição porque também precisaria diminuir a potência. Tratava-se da Bauru Rádio Clube, de posse da Rede Bandeirantes de Rádio, e eu tive uma reunião com o grupo em Bauru, um encontro muito próspero para todos nós, onde fechamos esse acordo que virou referência para o Brasil. Então, aqueles que estavam subindo do AM para o FM e tinham dificuldades de encaixe no dial convencional usaram do projeto da Auri Verde para concluir a migração. Conseguimos um posicionamento muito importante no rádio, praticamente no meio do dial em 97.5 FM, mas com uma potência de 3.600 watts, o que significa que, inicialmente, era uma cobertura meramente local, com pouca abrangência regional. Em 2020, dois anos após a migração, era autorizado um pedido de aumento de potência para que pudéssemos ficar melhor posicionados na audiência regional e conseguimos o aumento para 9.600 watts. Então, hoje a Auri Verde está no dial convencional com uma potência de quase 10 mil watts, isso é muito bom. Trata-se de um projeto pioneiro no Brasil, que encabecei e fizemos dar certo, pois não adiantava ter 15 mil watts no dial estendido sem efeito comercial e sem audiência que justificasse investimento comercial na rádio. Sobre o projeto de migração, tecnicamente falando, tomei algumas decisões importantes do ponto de vista do custo operacional deste projeto. Por exemplo: a Auri Verde hoje não tem uma torre própria, ela tem um aluguel de alguns metros dentro de uma torre já estabelecida que é a torre do Bispado da Arquidiocese de Bauru, que está num posicionamento topográfico bastante interessante para nós e que diminuiu consideravelmente o custo de implantação, haja vista que não precisei comprar um terreno com autorização para transmissão de radiodifusão, não precisei investir numa antena, que é algo realmente caro e custaria algo em torno de R\$ 750 mil ou R\$ 1 milhão, fora o valor do terreno, da construção de alvenaria e estrutura de suporte para o transmissor. Então fiz a opção de alugar espaço em uma torre, algo que já acontece há muito tempo pelo Brasil, mas em Bauru acredito que fomos a primeira a fazer isso, pois todas as outras possuem antena própria. Isso diminuiu muito o custo, mas mesmo assim, todo o processo de migração e compra de equipamentos custou algo em torno de R\$ 1,3 milhão. O BNDES, para se ter uma

ideia, liberava de financiamento em torno de 10% do que faturamos, só que chegamos no final do AM faturando quase nada, ou seja, desse valor (R\$ 1,3 milhão) eu poderia usar de financiamento algo em torno de R\$ 20 mil. A gente precisou se desfazer de uma propriedade da rádio para ter o dinheiro suficiente para fazer a migração, repito, concluída e no ar dia 1º de junho de 2018.

Antonio: No meio deste processo de migração, houve a adesão à Rede Jovem Pan. Essa adesão se deu por conta da migração? E por que a escolha pela Jovem Pan?

Pittoli: Tínhamos, antes da adesão, a ideia de tentar tocar a Auri Verde como estava montada e pronta para migrar para o FM até onde desse. A ideia era ter a Auri Verde que eu, Pittoli, diretor artístico, montei em janeiro de 2015 no FM e experimentar uma programação que eu tinha desenvolvido para o *dial*. Entretanto, ela demandava 33 funcionários, o que financeiramente era inviável para aquele momento, não estávamos conseguindo pagar, quando em 15 de setembro de 2017 eu precisei fazer a dispensa de 24 funcionários e tocar a Auri Verde de uma maneira bastante prejudicada do ponto de vista da estrutura das pessoas. Eu já estava conversando com emissoras, redes de rádio e já tinha a ideia de trazer para Bauru uma emissora 100% *news*, que era uma novidade para o nosso mercado, pois a cidade não tinha uma rádio 100% falada. Busquei entender o que essas emissoras de formato *all news* ofereciam e fui conhecer a realidade da CBN, da Band News e Jovem Pan. Entendi que naquele momento havia na Jovem Pan, além do alinhamento ideológico, uma liberdade editorial bastante valiosa e liberdade de produção local muito interessante diante das dificuldades impostas pelas outras concorrentes diretas a essa oportunidade que chegava em Bauru. Fechei com a Jovem Pan, uma grife do rádio. Era um momento de virada de programação e de pessoas, estávamos inevitavelmente mostrando nossa fragilidade, dispensando funcionários, mas trazendo para a cidade a maior rede de rádios do Brasil. Então, estreamos no dia 9 de outubro de 2017 e foi o processo de implantação de uma emissora da rede Jovem Pan que foi cumprido com a maior brevidade, em menos de um mês, graças a nossa equipe e aos nossos técnicos em especial. O prazo médio é de sessenta dias e conseguimos em menos de trinta, com compromisso assumido de transformá-la em uma das principais emissoras dentre as afiliadas e conseguimos. Quando fomos expulsos da rede em 23 de outubro de 2023, a Jovem Pan News Bauru já tinha 1,5 milhão de inscritos em seu canal do YouTube e a segunda colocada, até então a afiliada de Curitiba-PR, não tinha 10% de nossa audiência,

então fizemos o que prometemos: transformar Bauru numa grande emissora entre as afiliadas.

Antonio: Pensando na programação da Rádio, o que de fato mudou com a chegada da Jovem Pan?

Pittoli: A implantação da rede trouxe a identidade da Jovem Pan em momento político decisivo para o Brasil, a participação de colunistas, articulistas, apresentadores e debatedores que não tínhamos localmente. Então, tivemos a chance de ouvir os melhores e isso não sou eu quem estou dizendo, os prêmios conquistados por estes ao longo daquela etapa mostravam isso, estávamos se alinhando àquilo que havia de melhor para o rádio e para Bauru. E conseguimos fazer, dentro do contrato cumprido, uma programação local bastante competitiva. Então, transformamos uma rádio *news* em algo que disputou o primeiro lugar da audiência com as demais sem tocar nenhuma música e tratando de questões locais. Campanhas como a *hashtag* “Bauru sem dono” (*#BauruSemDono*) foram implantadas para trazer a proximidade da audiência, mostrando o compromisso que tínhamos com as pautas locais, conseguimos alinhar o poder da grife Jovem Pan ao compromisso de defender as bandeiras locais e isso foi decisivo para esse período de sucesso da rádio.

Antonio: A parceria chegou ao fim em outubro do ano passado. Quais foram os motivos que levaram ao fim?

Pittoli: A Jovem Pan fez uma opção de não se alinhar ao atual Governo. Na verdade, ela se rendeu a uma pressão bastante grande que sofreu após 2022, na campanha presidencial daquele ano, nitidamente apoiando um candidato de direita, que era o então presidente Jair Bolsonaro (PL). Diante daquela decisão, o Ministério Público Federal, por meio de dois Procuradores da República, moveu uma ação contra a Jovem Pan pedindo a cassação da outorga de uma emissora de rádio com mais de oitenta anos de história, alguns absurdos que acompanhamos pós-pleito de 2022. Só que a Jovem Pan – e não tiro a razão dela, fez o que achou melhor – acabou modificando a programação e a linha editorial, dispensando profissionais que eram vitais para o sucesso do projeto e isso prejudicou todos os afiliados, não só Bauru. Programas de ponta, como *Três em Um* e *Os Pingos nos Is* já não refletiam a audiência que tinham quando se brigava por um Brasil diferente. O que eu decidi fazer foi manter minha linha de posicionamento e desde então, acabei sendo ameaçado pela Jovem Pan de uma eventual expulsão e até de prisão por

parte do STF, mas decidi não mudar a linha editorial em função do compromisso que eu tenho com minha audiência. A Jovem Pan foi se perdendo nisso, tentando mostrar que daria um jeito e que daria para se salvar, enquanto eu fui do jeito que eu entendo melhor para que minha audiência possa confiar cada vez mais em mim e no meu trabalho. Acho que foi uma aposta certa. A Jovem Pan me expulsa por “descolamento ideológico” em 23 de outubro de 2024 e, exatamente doze horas depois, estreamos como Auri Verde Bauru inicialmente para que as pessoas pudessem nos achar nas pesquisas de internet, então tudo que se propunha de nome era voltado à maneira que se davam as buscas pela Jovem Pan News Bauru, que naquele momento havia deixado de existir. Então, voltamos com uma programação mais ou menos alinhada com o que tínhamos preparado entre 2014 e 2015, naquela implantação de uma Auri Verde que não conseguiu ir para o FM, então estava tudo organizado neste sentido.

Antonio: Quando a rádio voltou a se chamar Auriverde, ela ganhou uma perspectiva mais local? Ou vocês seguiram com uma programação mais nacional/estadual que a Jovem Pan já tinha? Se sim, como vocês fizeram isso?

Pittoli: Na verdade, o descolamento da Jovem Pan já se dava em função da programação matinal, apresentada por mim, que já tinha tomado ares de uma programação nacional. Então, naquele momento, em quatro horas de programa, a gente começou a enfrentar gigantes como CNN e Jovem Pan. A decisão foi manter a programação da manhã posicionada nacionalmente e o resto, inicialmente, local, com alguns apoiadores que chegaram, como *Oeste Sem Filtro*, que fez a diferença para nós e logo após a expulsão já foi formalizada a parceria, e outros como *Fator Político BR*, canais que comunicam conteúdos importantes para nós e eu consegui fechar parceria com estes que foram para a grade da rádio, ou seja, continuamos com um perfil muito parecido com o que a Jovem Pan propunha, com pautas e programas nacionais, regionais e locais, não houve muita alteração neste sentido a não ser de faixa horária, que era inevitável, mas optamos por fazer uma coisa muito parecida que é garantir os dois lados da informação.

Antonio: Você entende que a migração foi boa ou ruim para a Auri Verde?

Pittoli: Eu vou além, ela foi essencial, sem a migração a rádio teria fechado. A migração abre a possibilidade de transitarmos no dial FM, que comercialmente você consegue viabilizar, diferentemente do AM que tem um sinal muito menos robusto do ponto de vista da qualidade, o que compromete a comunicação do seu ambiente.

Para se ter uma ideia, quando estreamos no FM, a gente conseguiu oferecer resultado aos nossos patrocinadores, coisa que no AM já não estávamos conseguindo em função das interferências ocorridas na transmissão. Não era culpa da Auri Verde e sim um problema do dial por conta da fragilidade do sinal. Nós tínhamos um sinal de rádio que acabava sendo comprometido por ondas de radiofrequência, celular, portões eletrônicos, edificações de concreto e, em função da característica do AM, era um sinal sem o grave e o agudo, ou seja, as músicas eram comprometidas em sua execução. Tudo o que tinha no AM já não era bom e não precisávamos propagar muito longe o nosso sinal porque não dava retorno comercialmente, a migração para o FM foi a salvação. Algumas emissoras não conseguiram fazer pelo custo e eu entendo, é muito complicado fazer o investimento sabendo que o retorno não virá imediatamente. Era a estreia de uma rádio no *dial*, embora fosse a mesma Auri Verde desde 1956, a gente tinha muito a provar para o mercado publicitário com relação à nossa capacidade de entrega, mas isso aconteceu e deu tudo certo. Repito: sem a migração, a rádio já teria acabado.

Antonio: Na sua percepção, como foi a recepção do público pós-migração? Boa, ruim?

Pittoli: O que nós tínhamos era um público muito envelhecido, que só sabia ligar o rádio e esperar a Auri Verde falar. O que a gente precisou fazer foi ensinar o público que ele tinha a possibilidade de ouvir uma rádio no FM. No início, fizemos campanhas como “procure a Auri Verde, agora no FM, em 97.5”, anúncios no cinema em filmes de faixa etária de 45 anos e mais, fizemos um trabalho de informação para a audiência que não sabia ouvir o FM, acredite se quiser. Mas entendo que conseguimos pelo sucesso que reflete hoje na rádio, as campanhas que desenvolvemos são vitoriosas do ponto de vista de resultados na audiência. Alinhado a isso, a chegada do YouTube também fez a diferença para nos levar o nome Auri Verde para lugares onde o rádio não nos leva.

Antonio: Eu tinha outras duas perguntas, mas você meio que já respondeu, que eram relacionadas à questão da demissão dos funcionários durante a migração e também sobre a questão de mudança de fluxo de trabalho e de qualidade de som no AM e depois no FM.

Pittoli: É importante ressaltar o seguinte: a demissão dos funcionários (em 2017) não se deu pela migração e sim pelo atraso na migração. O atraso de 39 meses no processo nos prejudicou e acredito que se o projeto tivesse estreado no FM em

março de 2015, como previsto inicialmente, não teríamos feito demissões, o atraso da Anatel nos levou a isso.

Antonio: A última pergunta era sobre a questão de mudanças em geral ao longo dos anos na quantidade de funcionários, qualidade de som, qualidade de trabalho, as diferenças no seu fluxo de trabalho antes do FM e depois do FM.

Pittoli: Nos tempos de “vacas gordas”, de audiência superlativa de oitenta e cinco por cento, a Auri Verde já teve setenta funcionários, hoje inviável. Era outro tempo, não havia automação da rádio, a produção era completamente diferente, o departamento de jornalismo dependia de rádio-escuta, um organograma que não se aplica mais hoje. A rádio tomou um novo dinamismo, outro caminho, com programação ao vivo durante quase doze horas por dia, realmente ao vivo, sem pré-pauta, agendamento, gravação, edição, porque não temos estrutura humana para isso. Por isso é uma rádio cem por cento feita ao vivo, sem nenhum demérito a quem utiliza de meios diferentes, mas a Auri Verde, em função do seu tamanho e estrutura humana, faz essa opção. Tudo mudou no mercado e decidimos nos posicionar dessa forma, convenhamos, com sucesso. A gente mede isso pela audiência e pelos resultados de nossos clientes, é bastante importante dizer isso. Nossas campanhas filantrópicas de ajuda ao próximo têm metas e resultados, a partir daí entendemos que nossa audiência chegou e ficou, mesmo com todas as dificuldades que temos com o tamanho da equipe, que é valiosa que e entendeu que cada um é uma peça de uma engrenagem que não pode parar.